

Ordem Maçónica Mista Internacional
LE DROIT HUMAIN
O DIREITO HUMANO

Solstício de Verão

2024 (E.:V.:)



Índice

Neste Número:	Página
Editorial	3
Notícias	4
Sínteses dos Temas desenvolvidos pelas Lojas durante o ano maç.: de 2022-2023 (E.:V.:)	
• Tema Simbólico: A Essência da Música, simbolismo e importância ritualista	31
• Tema Social : Para uma sociedade mais justa, igualitária e feliz, será necessário sobrepor o interesse coletivo ao interesse individual?	33
Pranchas temáticas:	
• Discurso ao Aprendiz (adaptado)	5
• Aqui há gato(s)	6
• O Início	8
• Quase	9
• Há quatrocentos biliões de sistemas na Via Láctea—Qual é o nosso tamanho?	10
• O Renascimento	12
• A Câmara de Reflexão—O renascimento	14
• Câmara das reflexões	17
• Ítaca	19
• O Galo	20
• Considerações sobre a cativação da raposa	24
• Excerto do Capítulo 21 do “O Príncipezinho”	25
• A Maçonaria não é para todos	28
• Livros:	
• Irene Mainguy A Simbólica Maçónica do Terceiro Milénio - Câmara de Reflexão	36
• Jules Boucher A Simbólica Maçónica—A Câmara de Reflexão	39
• Chevalier e Gheerbrant Dicionário dos Símbolos— O Galo; Sal, Enxofre e Mercúrio	40
• Iniciação - Fernando Pessoa	42

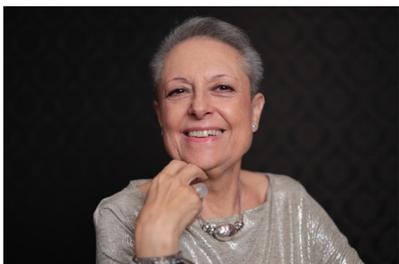
Imagem de Capa: Iluminura do Bestiário de Aberdeen, *circa* 1200, Inglaterra

Conselho Editorial: - Comissão de Comunicação
Comissão de Redação: Anabela Leandro e Maria João Figueira

Cada artigo mantém a ortografia usada pelo autor

Contacto para sugestões e colaborações: comunicacaofpdh@gmail.com

Disponível no site da Federação Portuguesa: www.direito-humano.pt



O Caminho que a Maçonaria propõe, sendo uma via iniciática, não atrai todas as pessoas.

Este Boletim, publicado na época mais luminosa do ano, traz-nos à ideia, por oposição, a altura em que o sol brilha menos e permanece menos tempo nos nossos dias.

Quiçá esta reflexão nos traga memórias sonoras das “Quatro estações” de Vivaldi, onde a alegria musical da primavera e do verão contrasta com a melancolia outonal, que anuncia o escuro inverno.

E talvez também nos faça lembrar o pavimento preto e branco, onde a aparente oposição dicotómica nos remete para o espelho e o seu outro lado.

Quando damos o primeiro passo no Caminho Iniciático, não sabemos onde nos levará. O medo do desconhecido pode vir ao nosso encontro, ofuscando a Beleza do momento. Mas quando a Força prevalece, o infinito aguarda-nos e a Sabedoria será a nossa conquista.

O Caminho Iniciático é uma via de Descoberta.

A permanência na Câmara de Reflexão antes de orgulhosamente colocarmos o avental de Aprendiz, é apenas o primeiro vislumbre do que será o restante caminho.

Aqui, tudo é símbolo.

Aprendemos isso desde a primeira hora em que entramos na porta baixa do Templo, ainda de venda nos olhos.

O Outono representa a preparação para cada passo no caminho iniciático, uma paragem de reflexão que tem continuidade no Inverno, onde as noites longas convidam à interioridade e a pensamentos mais profundos.

E segue-se a Primavera, o renascer após a descida às

profundezas do Consciente, para que o luminoso Verão traga a plenitude da Luz.

E isto repete-se, à medida que vamos percorrendo o Caminho Iniciático, tal como as estações do ano se sucedem sempre.

O progresso é sempre de algum modo feito por contração e expansão, como nos ensina o músculo cardíaco, o nosso motor de vida que não foi criado por mãos humanas.

Aqui, tudo é símbolo.

E quando nos reunimos em espírito fraterno, dando mais força à nossa egrégora, é importante que tenhamos consciência do caminho que escolhemos.

A força duma egrégora não se mede pelos elos mais fortes, mas sim pelos mais fracos. Para lhe darmos força, cada um e cada uma de nós deverá viver o seu Caminho com a consciência de que a sua força interior contribui decisivamente para que os restantes elos se reforcem também.

Que a leitura deste Boletim seja inspiradora e traga ainda mais Luz ao nosso Verão.

Recebam o meu afetuoso Triplo Abraço Fraterno

Clara de Almeida .:

Presidente do Conselho Nacional da Federação Portuguesa



Notícias

ANIVERSÁRIOS

3º ANIVERSÁRIO
R.'L.'.LUZ E ESPERANÇA



13º ANIVERSÁRIO
R.'L.'.ESTRELA DA MANHÃ



44º ANIVERSÁRIO
R.'L.'.HUMANIDADE



CERIMÓNIAS ADOÇÃO / LOWTON

R.'L.'.ESTRELA DA MANHÃ



R.'L.'. ATHANOR



DIVULGAÇÃO BOLETIM FEDERAÇÃO PORTUGUESA

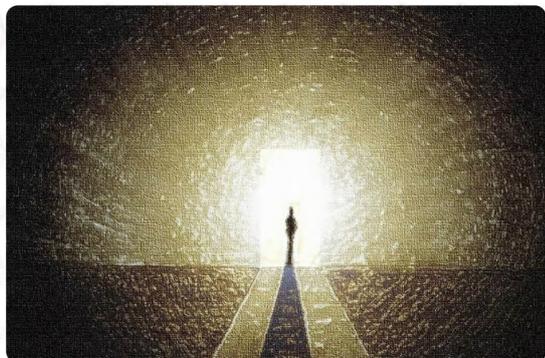
Oferta do Boletim da Federação
Portuguesa ao Grão Mestre da Ordem ao
M.'.Il.'.Ir. René Motro



Oferta do Boletim da Federação Portuguesa
aos M.'.Il.'.Ir.'. Jesus Calle, M.'.P.'.G.'.C.'.da
Fed.Colombiana
e ao M.'.Il.'. Periandro, M.'.P.'.G.'.C.'. da
Federação Brasileira



A Câmara de Reflexão—Iniciação: discurso ao Aprendiz



Querido/a Irmão/Irmã, recém iniciado/a é um privilégio e um enorme prazer endereçar-te as mais cordiais boas-vindas.

Espero que esta cerimónia da Iniciação fique na tua memória, pois, através da tua iniciação, onde foste constituído Aprendiz Maçon, começa a tua nova vida iniciática.

Hoje foste admitido como membro da nossa Instituição, a - Ordem Maçónica Mista Internacional “*LE DROIT HUMAIN*”, o Direito Humano.

A Ordem Maçónica Mista Internacional, é composta de Homens e Mulheres fraternalmente unidos, sem distinção de ordem social, étnica, filosófica ou religiosa.

Esta Ordem é Iniciática, Progressista e Internacional, trabalha na procura da Verdade; e busca concretizar os princípios da Liberdade, da Igualdade e da Fraternidade.

Estiveste na Câmara de Reflexão e fizeste o teu Testamento Filosófico.

Nas tuas viagens escutaste Ruídos Fortes que significam a luta e as paixões que agitam, que significam a viagem da consciência através dos mundos inferiores e grandes mistérios, tendo sido purificado pela Água; depois menos ruído e foste purificado pelo Ar; e finalmente...

As três viagens simbólicas que fizeste foram perturbadoras, mas foste superando os obstáculos.

A tua energia moral, a tua perseverança e a ajuda dos teus semelhantes tornaram a tua caminhada menos difícil.

Atravessaste os quatro elementos: Terra, Água, Ar e Fogo, ou seja, passaste pela prova da Terra e fizeste três viagens: a primeira foi a prova da Água, a segunda prova foi a do Ar; e a terceira, a Prova de Fogo.

Passaste também pela Cerimónia das Taças;

Fizeste o teu primeiro Juramento;

Foi-te dada a Luz; e,

Foste proclamado Aprendiz Maçon.

Fizeste o teu primeiro trabalho de Aprendiz sobre a Pedra Bruta.

Ao teres o direito de estar no nosso Templo, é-te dada a oportunidade de aos poucos ires descobrindo o tesouro inesgotável da sabedoria dos rituais, dos símbolos, e de tudo o que nos rodeia.

Nas tarefas da tua aprendizagem poderás contar com a ajuda e com o apoio de todos nós, mas sobretudo poderás contar com a orientação do nosso irmão Segundo Vigilante que tem, perante ti, a obrigação de te orientar e de te conduzir, enquanto fores Aprendiz Maçon; mas o teu futuro maçónico, depende da tua perseverança individual no trabalho.

M.:Q.: Ir.:, sê bem-vindo de hoje em diante à nossa Respeitável Loja, que hoje se sente mais enriquecida com este novo elo que vai fazer parte da nossa Cadeia de União

Fátima Pires.:



Câmara de Reflexão – Aqui há gato(s)



Na Revista francesa *Franc-Maçonnerie Magazine* de Março-Abril de 2024, saiu um pequeno artigo escrito por Philippe Benhamou, com o título *De l'intéret d'avoir un chat à la maison*.

Pequeno artigo de uma página, ilustrado com um compenetrado gato ilustrado por François Morel, somos esclarecidos que há sempre interesse em ter um gato em casa. Ou pelo menos na vizinhança e que vem até à nossa casa para nos honrar com a sua presença e companhia. Quem tem gatos, entende o que digo.

Conta-nos Benhamou que Julien se prepara para escrever uma prancha para a sua elevação ao grau de Companheiro quando Salomon, o gato da porteira, decide passar a noite em sua casa.

Julien está rodeado de livros para ganhar inspiração e poder escrever a sua prancha: dois dicionários de símbolos, Jules Bucher, Irène Mainguy, nomeadamente o seu livro *La symbolique du Troisième millénaire*, mas o gato Salomon distrai-o. E, incapaz de produzir texto, é surpreendido pelo bichano: *“Queres que te ajude?”*

Os gatos sabem muito e Salomon sabe também que Julien quer escrever uma prancha sobre o Pavimento de Mosaico da Loja e oferece-se para solucionar o problema. *“Deixa-me trabalhar”*, responde Julien, tentando ler uma vez mais o manual de Aprendiz. O gato deixa-o por breves instantes mas regressa com uma folha de papel nas patas.

É então que algo de extraordinário acontece. Salomon começa o seu discurso:

“O chão de mosaico, no seu complexo motivo de quadrados pretos e brancos, é mais do que um simples re-

vestimento do chão de uma Loja Maçónica. Ele simboliza a dualidade existente da nossa existência onde a sombra e a luz se entrecruzam. Cada quadrado representa uma própria faceta do nosso percurso espiritual. Os momentos de sombra lembram-nos que a adversidade é inevitável, mas que pode ser ultrapassada com perseverança e sabedoria. Os quadrados mais claros evocam a demanda do conhecimento e da verdade, iluminando o nosso caminho no sentido de...”

Interrompido por Julien que, bastante surpreso, indaga de que livro retirou o texto que declamou. O gato, muito sabiamente, recorda-lhe que não sabe ler – e provavelmente nem escrever – mas que tem um amigo que lhe segredou tudo isso. Um amigo que é também ele um felino, o gato Gepeto – mas é um segredo.

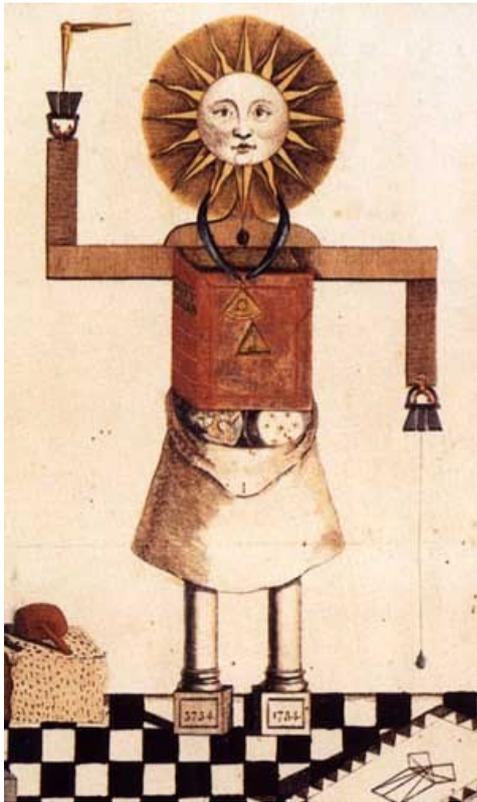
Julien arranca-lhe a folha das patas e continua a leitura:

“... cada passo no pavimento nos guia para uma compreensão mais profunda de nós próprios e do nosso lugar no universo Maçónico”.

Apesar de ser um bom começo de prancha, Julien debate-se com duas questões:

A primeira sobre a questão da identidade do autor. Um gato?

A segunda é uma questão ética: afinal não foi ele que escreveu. Pretende ser honesto, elaborando o seu próprio texto e não copiando o dos outros – mesmo que seja o de um gato. Especialmente o de um gato. Ainda por cima de um gato que tem o nome do criador do Pinóquio, o boneco de madeira que muito mentia – e o nariz lhe crescia – mas que acaba por ser transformado num menino de carne e osso.



Um franco-maçõn forjado através dos instrumentos da sua loja, 1754 (gravação a cores) pela English School (Séc. XVIII); biblioteca Nacional, Paris, França;

“Ah,” afirma Salomon, “tu procuras o método de procura e encontrarás, recusando assim a ajuda de um amigo.” Julien está inevitavelmente confuso. Será que o Gepeto é um Chat GPT? Uma dessas aplicações informáticas de inteligência artificial que produz textos sobre variadíssimos temas?

Benhamou não nos esclarece se Julien aceitou a inspiração do gato Gepeto. Também nada acrescenta sobre o Salomon, que, não sabendo ler nem escrever, saberá certamente – presumimos – soletrar. Sobre Gepeto, o escritor de pranchas, presumimos que existe em carne e osso, tal como o boneco Pinóquio que se transformou em menino e não faz parte de uma aplicação virtual de inteligência artificial. É um gato Maçon. Um Mestre, provavelmente.

Quanto ao gato Salomon, Salomão (972-931) é nome de Rei reputado pela sua piedade e sobretudo sabedoria. Em 950 AC, mandou erigir em Jerusalém uma das simbólicas e imponentes construções do Mundo Antigo. Ter como amigo e companheiro um gato com tal nome é, no mínimo, uma honra. Mas sabemos que os gatos sabem muito.

O artigo escrito por Benhamou é um exercício de criatividade e simplicidade. Não havia como ignorá-lo nesta

edição do Boletim que tem como tema central a Câmara de Reflexão, o início de um percurso iniciático, cuja vivência – e experiência – acompanha um Maçon durante toda a sua caminhada.

Resta-me introduzir o tema com esta brincadeira de Benhamou e afirmar:

Aqui há gato(s).

Anabela Leandro .:

Benhamou, Philippe (2024). ‘De l’intérêt d’avoir un chat à la maison’, In *Franc-Maçonnerie Magazine*, Mars-Avril /2024, p. 53 — Tradução do texto sobre o pavimento de mosaico (em itálico).

‘... cada passo no pavimento nos guie para uma compreensão mais profunda de nós próprios e do nosso lugar no universo Maçónico’.



Magazine Franc-Maçonnerie, Março– Abril, 2024, p. 53



O Início

Ao aceitar o honroso convite do V.:M.: para integrar esta Obediência, fi-lo em consciência, após muito pensar, reflectir e meditar. Foi uma decisão coerente, responsável, no pressuposto de que evoluir como ser humano é crucial para nos tornarmos melhores pessoas, e um dos principais factores de progresso.

Já conhecia alguns irmãos e irmãs, por quem nutro amizade, carinho e respeito. Convivemos algumas vezes, partilhámos saberes, juntamo-nos em actos solidários e fraternos. São pessoas serenas, alegres, carinhosas, coerentes, responsáveis, em suma, dignas. Presumo, aliás, que estes relacionamentos saudáveis reforçaram a convicção de que *“o caminho faz-se caminhando”* e jamais devemos desistir dos objectivos a que nos propomos.

Entrar na maçonaria e ser aceite pelos meus Ilr.: que me aceitaram por ser livre e de bons costumes, indubitavelmente consciencializa-me moralmente e fideliza-me a um compromisso que muito me honra.

O meu processo de admissão como candidata à maçonaria foi, nas suas diversas vertentes, emocionantes e marcantes. Em todas as fases da minha iniciação como maçom, respondi com autenticidade e verdade.

Indelévels são as primeiras impressões decorrentes do meu processo iniciático. Senti-me acarinhada, segura e confiante desde o primeiro momento em que o Ir.: sorridente e amável, me foi buscar à porta do edifício que alberga a Respeitável Loja. Subi aquelas escadas imensas, cheguei e fui vendada. Estive em silêncio a maior parte do tempo em que decorreu o processo de iniciação. Do Ir.: ouvia, *“Calma...Vai tudo correr bem!”*. Enquanto esperava, pensei, reflecti e meditei. O irmão regressou. Conduziu-me amavelmente a um espaço que antecede a R.: L.: Calma sim, mas expectante, chegamos à porta do Templo. Batemos três vezes e, eu, profana, livre e de bons costumes, sou autorizada a entrar. Respondo a perguntas vitais e seguidamente, entro num espaço minúsculo, designada Câmara de Reflexão. A venda é-me retirada.

A simbologia representada naquela sala pouco iluminada, é profunda, complexa, obrigando forçosamente à introspecção – ali, simbolicamente no centro do universo, o elemento Terra é forte, penso no eterno retorno, no sentido da vida e da morte, na inteligência do Homem e, em tantas outras questões, mas sobretudo na

capacidade enorme que o ser humano tem, para, querendo, contruir um mundo mais feliz, o que não é de todo utopia se os valores consignados na Declaração Universal dos Direitos Humanos forem respeitados. Redigi e entreguei o meu testamento moral e filosófico.

Percorri caminhos sinuosos. Ouvia barulhos e sons diversos - reconheci o tilintar de espadas, o som de vozes que tentava identificar. O grau de dificuldade diminuía entre cada viagem simbólica: Ar – a existência do Homem, da Vida; Água - que nos limpa e lava a alma, o nosso interior, Fogo - que não só purifica como simboliza a essência do amor.

Foi-me então dado a beber algo que representa o amargo e o doce da vida. Senti a espada no meu peito. Poli a pedra bruta, e jurei cumprir os meus deveres maçónicos.

Em frente ao espelho, ao retirarem-me a venda, deparei-me com a minha irmã gémea sorrindo com ternura e vejo então, todos os irmãos que me acolhem maravilhosamente.

Tinha acabado de sair das trevas e, finalmente, recebido a Luz que ilumina o espirito, a mente e o intellecto.

Já renascida, recebi os paramentos de Aprendiz, o Avental e as Luvas, ambos símbolos de pureza, que representam respetivamente, trabalho continuado e o dever de ter as mãos “limpas”, o que é muito significativo.

Ter participado na Cadeia de União e no Ágape, tornou UNO, um Todo, que reforçou os mais sublimes propósitos do amor fraterno universal que se manterá para mim, para toda a vida.

Tudo farei para honrar e dignificar a maçonaria. Nessa perspectiva, tentarei nesta nova vida, aperfeiçoar-me como ser humano, onde o respeito, a ética, a tolerância e, o livre pensamento são premissas fundamentais para o bem-estar da humanidade.

∴ Uma Ira.∴ Mac.∴



Quase

Ainda pior que a convicção do não e a incerteza do talvez é a desilusão de um quase. É o quase que me incomoda, que me entristece, que me mata trazendo tudo que poderia ter sido e não foi. Quem quase ganhou ainda joga, quem quase passou ainda estuda, quem quase morreu está vivo, quem quase amou não amou. Basta pensar nas oportunidades que escaparam pelos dedos, nas chances que se perdem por medo, nas ideias que nunca saíram do papel por essa maldita mania de viver no outono.

Pergunto-me, às vezes, o que nos leva a escolher uma vida morna; ou melhor não me pergunto, contesto. A resposta eu sei de cor, está estampada na distância e frieza dos sorrisos, na frouxidão dos abraços, na indiferença dos "Bom dia", quase que sussurrados. Sobra covardia e falta coragem até para ser feliz. A paixão queima, o amor enlouquece, o desejo trai. Talvez esses fossem bons motivos para decidir entre a alegria e a dor, sentir o nada, mas não são. Se a virtude estivesse mesmo no meio termo, o mar não teria ondas, os dias

seriam nublados e o arco-íris em tons de cinza. O nada não ilumina, não inspira, não aflige nem acalma, apenas amplia o vazio que cada um traz dentro de si.

Não é que fé mova montanhas, nem que todas as estrelas estejam ao alcance, para as coisas que não podem ser mudadas resta-nos somente paciência porém, preferir a derrota prévia à dúvida da vitória é desperdiçar a oportunidade de merecer. Pros erros há perdão; pros fracassos, chance; pros amores impossíveis, tempo. De nada adianta cercar um coração vazio ou economizar alma. Um romance cujo fim é instantâneo ou indolor não é romance. Não deixe que a saudade sufoque, que a rotina acomode, que o medo impeça de tentar. Desconfie do destino e acredite em você. Gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo que planejando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive já morreu.

Sarah Westphal, in
www.pensador.com/autor/sarah_westphal/



Gravura: *Delícias de Primavera*, Vladimir Kush, 1965



Há quatrocentos biliões de sistemas na Via Láctea Qual é o nosso tamanho?

Há quatrocentos biliões de sistemas na Via Láctea.

Qual é o meu tamanho?

Com esta pergunta de partida, foi como se, de repente, tivesse recebido um soco no estômago. Porque não pensamos nestas questões com frequência. Ou não pensamos de todo.

E outra questão se levantou: quem sou eu? Quem somos nós? E, mais importante que respondê-las, é questionar: quem eu penso que sou?



Painel de azulejo, Cervejaria Trindade—Lisboa

Ser multidimensional vivendo numa experiência tridimensional, preso à matéria de um corpo físico que tenta gerir ao longo do tempo. Sim, do tempo – que só existe aqui, nesta experiência humana da 3ª. Dimensão.

E o que faço aqui? Qual é o propósito? Certamente não o de levar uma vida morna, medíocre, polvilhada de conceitos e preconceitos, alicerçada na existência de um Ser Onnipotente que permanentemente nos fiscaliza com o intuito de nos premiar – ou castigar.

Há quem diga que estamos aqui para aprender. É uma forma de colocar a questão. Julgo que estamos aqui para evoluir. Aliás, e ainda que um eterno aprendiz que só sabe que nada sabe – seguindo o aforismo socrático – sei que estou aqui para evoluir. Para transmutar o Conhecimento em Sabedoria e o integrar. Sim, integrar. Porque não adianta acumular sabedoria se a não integro. É como dispor de um manancial de ferramentas que me permite criar objectos e apenas as miro com devoção e delas não me sirvo.

As antigas Escolas de Mistérios conheciam meios de integrar a sabedoria que os seus adeptos possuíam.

Eram escolas de mistérios e segredos, feitas de silêncios. Os seus adeptos eram iniciados nos mistérios e com eles – e através deles – conseguiam realizar proezas incomensuráveis.

Através dos conhecimentos aprendiam a mudar a sua visão e perspectiva da vida e das coisas da vida, alterando os seus próprios conceitos. Utilizavam a observação como ferramenta essencial para a aprendizagem sobre os outros e sobre o meio. E o silêncio.

Conheciam a religião e dela extirpavam aquilo que era verdadeiramente importante. Não o medo de um Ser punitivo e fiscalizador, mas reconheciam a fé e sabiam que ter fé é acreditar naquilo que não se vê, não se palpa, não se vislumbra senão com os olhos da alma. A fé trazia uma força mágica inexorável: a confiança. E com a fé e confiança podiam mover as tais montanhas que dizem que a fé move. E move, de facto.

Então, portadores da sabedoria, enriquecidos com a observação que lhes havia permitido vislumbrar novos conceitos filosóficos, e portadores da fé e confiança, usavam as ferramentas que lhes proporcionavam práticas de integrar os mistérios das Escolas em que haviam sido iniciados.

Conheciam o grande motor que gira a ignição do ser humano: a necessidade e a oportunidade e com base nestas duas vertentes, melhor podia compreender como funciona. Sem ilusões – o que significa que também não tinham desilusões – iam passando do universo dos



não confiáveis aos confiáveis e percebendo que estreita é a peneira que leva de um lado ao outro.

lam-se cruzando com catalisadores do destino – encon-



O telescópio espacial James Webb, da NASA, produziu a fotografia em infravermelho captada do espaço mais longínquo no universo possível até à data. Conhecida como *Webb's First Deep Field*. Nesta imagem, que tem o tamanho de um grão de areia, é possível identificar uma miríade de galáxias em fundo, enquanto que em primeiro plano se encontra o cluster identificado como SMACS 0723.

tramo-los ao longo do Caminho e servem para nos fazer experienciar o bom e o menos bom. Muitas vezes, com eles modificamos a nossa vida. Melhoramos. Deixamos de patinar na morna margarina da fantasia e concebemos planos de vida que nos levam a Viver de facto.

E porque a energia segue o pensamento, (re)criamos a vida com altruísmo e sabedoria. Com a tomada de decisões sábias e com a vontade, com a força e sobretudo acreditando sempre naquilo que nem sempre está visível aos órgãos dos sentidos, mas que existe já esboçado nos corpos subtis da nossa existência.

A dor é um acelerador da consciência, afirmou Pietro Ubaldi, é uma necessária via evolutiva, contudo a evolução não é dor. A vida não é para nos confinarmos em sofrimento, apesar das grandes mudanças no ser humano ocorrerem ora pela dor, ora pelo amor. Se a dor faz a evolução, a evolução anula progressivamente a dor. No capítulo 81 de *A Grande Síntese: A função da dor*, Ubaldi explica como a dor tem uma função evolutiva, é instrumento de equilíbrio da lei divina, de sua justiça e bondade.

Mas a grande verdade é que o Caminho é individual e cada um percorre o seu de acordo com a própria evolução. Afinal, dizia Cristo, muitas são as moradas da casa de meu Pai. E acrescento, e cada um lá chega no seu tempo certo.

Passamos longos anos da nossa existência pensando que somos aquilo que achamos que somos. Baseamos-nos nas fantasias, naquilo que nos segreda o Ego e usamos de ardis para enganar os outros e – mais grave ainda – para enganarmos a nós próprios. E o tempo continua a passar sobre nós, frequentemente sobre a morna e cálida existência da desilusão do quase, como disse Sarah Westphal, o quase que ‘é pior que a convicção do não e da incerteza do talvez’.

Então, num universo onde nos encontramos vivendo uma experiência de tridimensionalidade, qual é o meu tamanho? E quem penso eu que sou? E o que faço aqui? Tudo perguntas tão relevantes e, porém, tão relegadas para o esquecimento. Tanto medo de nos confrontarmos connosco. Não esqueçamos que, e ainda nas palavras de Sarah Westphal, ‘gaste mais horas realizando que sonhando, fazendo do que planeando, vivendo que esperando porque, embora quem quase morre esteja vivo, quem quase vive, já morreu.’

∴ Um M.: M.∴



*Se a dor faz a evolução,
a evolução anula
progressivamente a dor.*



A Câmara de Reflexão — O Renascimento



Caravaggio, São Gerónimo em meditação, óleo sobre tela, Galeria Borghese, Roma

O despertar para uma nova vida, a Câmara de Reflexão, um espaço que não foi escolhido, mas que se revelou para todos nós como o local idealmente arquitetado para esse renascimento. A sua atmosfera austera e confrontativa contrasta com qualquer tipo de conforto e familiaridade, mas é precisamente nessa austeridade que encontramos a verdadeira essência do nosso (re)nascimento. É um lugar de profundo simbolismo, onde cada objeto e cada sombra parecem sussurrar verdades universais sobre a vida, a morte e a própria existência e sentido de se ser. Ali, somos confrontados com a realidade crua e com a luz da verdade, inaugurando assim uma jornada de autoconhecimento e descoberta.

Diante de nós, encontramos três símbolos poderosos: o pão, a água e o crânio humano. Cada um deles carrega consigo camadas profundas de significado, convidando-nos a refletir sobre diferentes aspectos da existência humana. O pão representa não apenas a necessidade básica de alimentação, mas também a comunhão e a transcendência espiritual. É o alimento do corpo e da

alma, uma lembrança humilde da nossa dependência mútua e de nossa conexão com algo maior que nós mesmos. A água, fluida e purificadora, simboliza a renovação e a fluidez da vida. É uma verdadeira fonte de inspiração espiritual. Em conjunto, o pão e a água completam-se enquanto “refeição”, enquanto necessários um ao outro, um alimenta, o outro mata a sede, os dois permitem-nos subsistir da forma mais humilde e básica. O necessário e suficiente. Por fim, o crânio humano lembra-nos da transitoriedade da existência e da inevitabilidade da morte. É um símbolo poderoso da nossa própria finitude e da necessidade de viver cada momento com consciência e propósito.

Ao entrarmos na Câmara de Reflexão, embarcamos numa jornada de autoconhecimento e reflexão profunda. Não é um caminho fácil – não é suposto ser – mas é essencial para o nosso crescimento pessoal e espiritual. Aqui, somos desafiados a confrontar as nossas próprias limitações, a procurar a verdadeira essência da nossa existência, e a questionarmos a razão para estarmos ali de forma voluntária. Cada experiência, sensação, pen-

samento, questão, afirmação, símbolo na Câmara aproxima-nos da luz, capacitando-nos a enfrentar os desafios da vida com sabedoria e coragem. É um processo contínuo de aprendizagem e transformação, que nos acompanha ao longo de toda a nossa jornada terrena, e que no fundo, anuncia apenas a alvorada.

Um dos aspectos mais intrigantes da Câmara de Reflexão é o significado oculto por trás da sigla V.I.T.R.I.O.L. (*Visita Interiora Terrae, Rectificando, Invenies Occultum Lapidem*). Esta expressão latina, que significa “*Visita o Centro da Terra, Retificando-te, Encontrarás a Pedra Oculta*”, representa um convite à busca interior e à autotransformação. É um lembrete de que a verdadeira

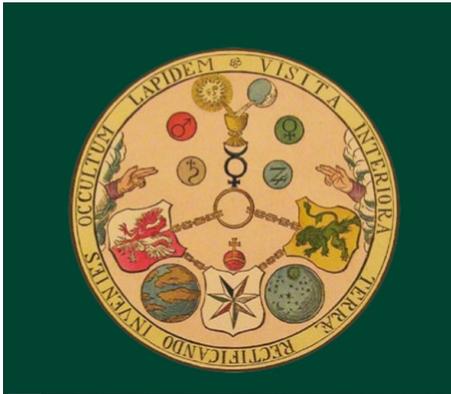


Diagrama circular de simbologia alquímica com sete planetas e a frase latina "VITRIOL" acompanhando a circunferência.

sabedoria só pode ser encontrada através da jornada para dentro – na câmara, de forma visual e palpável –, onde confrontamos as nossas próprias sombras e descobrimos a luz da verdade. A minha “busca” pessoal pelo significado de V.I.T.R.I.O.L. foi claramente um reflexo da busca mais ampla por um sentido e propósito na minha própria vida.

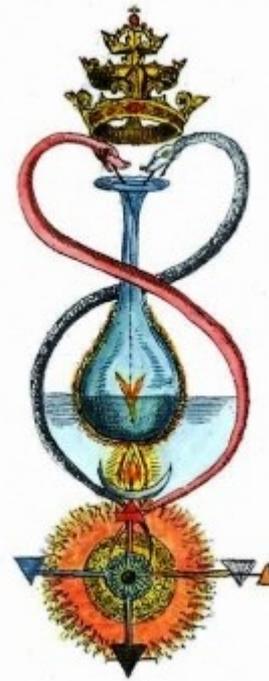
Todos sentimos e interpretamos a Câmara de Reflexão de forma extremamente íntima e única. Apesar de existir uma universalidade de símbolos, o mais importante é como os apreendemos, o que nos ensinam, o que nos dizem e confidenciam. Todos passamos por lá, e todos voltamos de lá, ainda que guiados, saímos mais fortes, mais confiantes e, no mínimo, mais inquisitivos e determinados a compreender um pouco mais. Ao refletirmos sobre a própria Câmara de Reflexão e sobre os símbolos que encontramos no seu interior, somos confrontados com questões que ecoam através dos corredores do tempo e da própria consciência. O que realmente significa renascer? Como podemos encontrar significado no meio da própria escuridão? E, talvez mais importante ainda, qual é o papel de cada um de nós nesta mesma busca incessante pela verdade e pela luz?

À medida que nos aventuramos mais fundo na escuridão da alma humana, somos desafiados a questionar – e mesmo colocar à prova – as nossas próprias crenças e a explorar os mistérios que nos aguardam no âmago da nossa própria existência. Nesse processo de busca e descoberta, podemos encontrar não apenas respostas, mas também novas perguntas que nos vão certamente impulsionar em direção a uma compreensão mais profunda e vasta de nós próprios e do mundo ao nosso redor.

Apenas espero que possamos, todos nós, meus Irmãos e minhas Irmãs, abraçar essas perguntas com a curiosidade de uma criança e a coragem de quem não tem mais nada a perder, pois é na busca contínua pela verdade que encontramos a verdadeira essência da vida.

A Câmara de Reflexão é – e continuará a ser – o local e o momento de onde todos partimos. Renascer, no fundo, é o mais complexo e nobre dos desafios.

Gonçalo Nunes .:



A Câmara de Reflexão

Eis que surge a oportunidade para, de forma previamente organizada, partilhar com todos vós alguns dos pensamentos, sensações e emoções experienciadas enquanto profano aspirante à luz.



Tal conseguirei, certamente, falando dos meus pensamentos, das minhas sensações e das minhas emoções: são próprios, verdadeiros e por mim já analisados nomeadamente sobre a câmara escura que pretende simbolizar o estudo do aspirante ou candidato, que da sua vida passada até àquele momento na escuridão, transitará para um novo estádio – entrará numa nova luz, na luz e na verdadeira vida da maçonaria.

Naquele momento, fechado num pequeno espaço todo pintado de preto e com apenas uma muito ténue luz, procurava decifrar o significado de alguns dos sinais deixados à minha criatividade: sobre a mesa uma caneta, papel, a imagem de um galo, uma caveira, um espelho, uma ampulheta, pão, sal, enxofre, mercúrio, etc. As paredes tinham inscrições e as expressões: para me retirar se tivesse medo ou se foi a curiosidade que me levou até aí e, outra, para fazer o mesmo se tivesse preconceitos sociais; recordo-me de uma bastante conhecida da filosofia clássica e que se encontrava no pórtico de entrada do templo do deus Apolo, na cidade de Delfos na Grécia, “Conhece-te a ti mesmo” e esta

“Vigilância” e “Perseverança” que podem significar vigiar severamente, mas o quê?; e aquela sigla ou acrónimo que eu não conhecia. “V.I.T.R.I.O.L.”.?

A minha imaginação passou muito fértil e não compreendia de forma alguma do porquê de tudo aquilo. Tive a impressão que o intuito “daquilo tudo” teria a finalidade de me intimidar.

Um subterrâneo? Uma caverna? Um túmulo?

Fisicamente trata-se de um local fechado e isolado, lembra uma masmorra do século passado. Esta sala é maçónica?

Pensei que a Câmara de Reflexão é propositadamente sinistra, com paredes negras adornadas com frases e os símbolos são anotação de algo que deve ser feito, o que não podem cair no esquecimento dum maçom.

Naquela situação em que me encontrava em completo constrangimento, um ambiente totalmente fora dos padrões a que estava habituado, com a presença daqueles símbolos que não atinava do porquê, especialmente aquele galo e o sal.

O que representaria o galo senão o anúncio do Sol que estava para nascer? Poderia o Sol nascer dentro da escuridão daquela caverna, daquele túmulo, daquela cave, um lugar tão fúnebre? A que estava associado ao recipiente contendo sal?

Que reação poderia este sal provocar-me naquela situação? As inscrições eram bastante contundentes. Realmente eu sabia, era pó e, que a ele retornaria, portan-



to, eu fazia parte da natureza; mas, eu não aceitava que todo o complexo que constituía a minha identidade, tanto física como espiritual, algum dia poderia ser destruído.



O que eu desejava, não era entrar numa instituição funerária, mas, bem ao contrário, eu queria vida, eu queria um ambiente que pudesse evoluir junto com pessoas mais experientes e, que pudessem me conduzir não só num plano de harmonia perfeita, mas, a uma condição de compreender o objetivo da vida e o objetivo da morte.

Aquele ambiente mortuário seria uma representação simbólica de que, para encontrar uma vida real, seria necessário retornar ao ventre? Portanto, eu estava novamente numa gestação, e receberia alimento, substância vital, através de um condutor umbilical. Isto me tranquilizou porque o regresso a uma situação primitiva, não significa, em absoluto, a morte.

Confesso que não me preocupei muito com grandes pensamentos sobre tais símbolos. O que vier virá, pensei. A minha decisão estava tomada e depois de uma enorme vontade de integrar a maçonaria, na perspectiva



Caverna em Wayanad, Índia
in www.google.com/imgres?q=candle%20in%20cave%2a-candle-is-lit-in-a-dark-cave-

de vir a adquirir mais conhecimentos e de evoluir como ser humano, aí estava eu preparado para todas as provas que me seriam exigidas, fossem elas “duras” física, emocional ou intelectualmente.

Deixei o meu imaginário fluir, tentando adivinhar o tipo de provas a que, outrora, poderiam ter sido submetidos todos quantos sentiram o mesmo “chamamento” que eu (se é que lhe poderemos chamar assim). Sem querer, muitas imagens e cenários me passaram pela mente, alguns dos quais encaixariam na perfeição em locais mais fantásticos.

Às vezes não se consegue distinguir uma realidade de um símbolo, porque podem-se fundir. Mental e espiritualmente talvez eu já estivesse morto na conceção simbólica maçónica.

Mas a condição de entrar na maçonaria exigia uma morte? Exigia um nascimento? Essa morte simbólica, esse nascimento simbólico uma realidade, teria eu já morrido?

O objetivo da minha estada naquele lugar significaria uma realidade, teria eu já morrido? Certamente estaria a morrer tranquilamente e sem dor. Estaria eu a renascer? Estaria a sofrer as dores do parto? Quem? A natureza, a instituição maçónica, a minha alma?

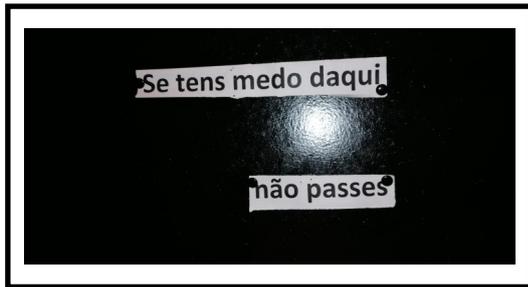
Eu sabia e estou plenamente convencido até hoje que o ser humano é trifásico: corpo, alma e espírito. O corpo vem da natureza, a alma é o nosso ego, mas, o espírito é o divino.

Então deparei-me com o testamento, do qual sem entender o real significado, imaginei o óbvio, um testamento “civil”, e assim declarei a sucessão dos meus bens materiais, claro. Pois jamais poderia imaginá-lo puramente filosófico, ou de ordem moral. Da mesma forma, os conceitos ali postulados de Fraternidade; Igualdade; Liberdade; Virtudes; Moral e Vício. E os deveres para com a Humanidade. Segui o mesmo caminho, com fundamentos, trazido da vida profana.

Verifico agora o engano, pois os bens ali firmados e valorizados, deveriam serem os que herdei, como algumas virtudes, de caráter; honestidade; honra; lealdade; integridade, etc. Estes sim são bens de facto, eternos, dignos da transcrição, cuja herança deverá ser o orgulho dos meus sucessores.

Ali trancado, com alguns símbolos ainda desconhecidos, levou sem dúvida à reflexão. Neste momento, ocorreu uma experiência incomum, algo muito sublime, provocando um impacto emocional e psíquico ja-

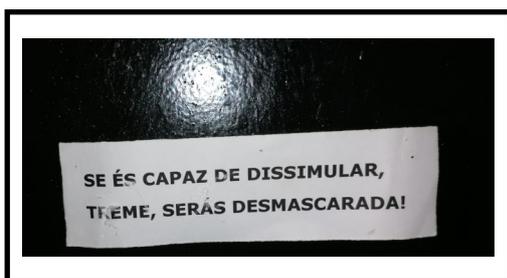
mais imaginável e inesquecível. Um choque sobre mim, como um corpo que muda de direção depois de chocar com outro, no sentido de “inversão”, para poder nascer de novo. Na verdade, é uma “autoanálise”, um encontro comigo mesmo, uma avaliação do “Eu” inte-



rior. É uma preparação para a morte espiritual da ignorância.

Morrer aqui, é ser iniciado para uma outra vida. E os símbolos ali expostos são um alerta da fragilidade da vida material. Pois morte, neste sentido, constitui o primeiro passo decisivo, rumo à “Verdadeira Luz”. Neste processo, a câmara, representa um dos quatro elementos alquímicos da antiguidade: a Terra, e simboliza o útero (da mãe-Terra), ao sair dali, ocorre o nascimento a uma nova vida. E representa, o período da gestação Maçónica, com a preparação do espírito para o renascimento, em consequência a morte da vida profana.

Este ritual data dos tempos remotos, com o objetivo de criar um psicodrama, despertando para uma realidade superior, livrando das paixões e vícios que aprisionam nas trevas da ignorância, motivando aos erros. Várias são as referências da origem deste ritual do isolamento nas cerimónias iniciáticas, inclusive religiosas, é antigo.

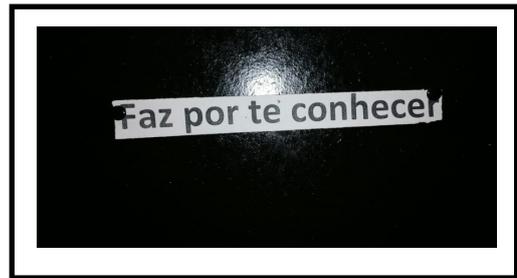


Nessa época, o candidato ficava enclausurado numa caverna, de onde, em determinado momento, saía por um orifício, como se estivesse a nascer, e chegado à luz. Os antigos pensamentos diziam que o homem era tri-membrado, na sua estrutura. Seria formado de corpo, alma e espírito, denominados mundos de baixo, do meio e de cima. O mundo de baixo simbolizava os processos que se realizavam dentro do ser, no mundo

“obscuro do seu inconsciente”, mas também o que ocorria debaixo da terra.

O que realmente tenho notado, e do qual me levou a abordar o tema, é que, os efeitos provocados pela Câmara de Reflexão, são retardados, no entanto depois percebi que ali na verdade encontram-se elementos e instrumentos que me fazem refletir sobre os meus antigos conceitos.

Pois frequentemente adiro, regressando para ela, à procura de resposta de conceitos e atitudes questionáveis. E assim verifiquei, embora não sendo novidade,



que o bem e o mal realmente andam junto, como a virtude e os defeitos; a tolerância e a intolerância; a fraternidade e o egoísmo; confiança e desconfiança; hábito e vício, estes últimos então, podem ser facilmente confundidos.

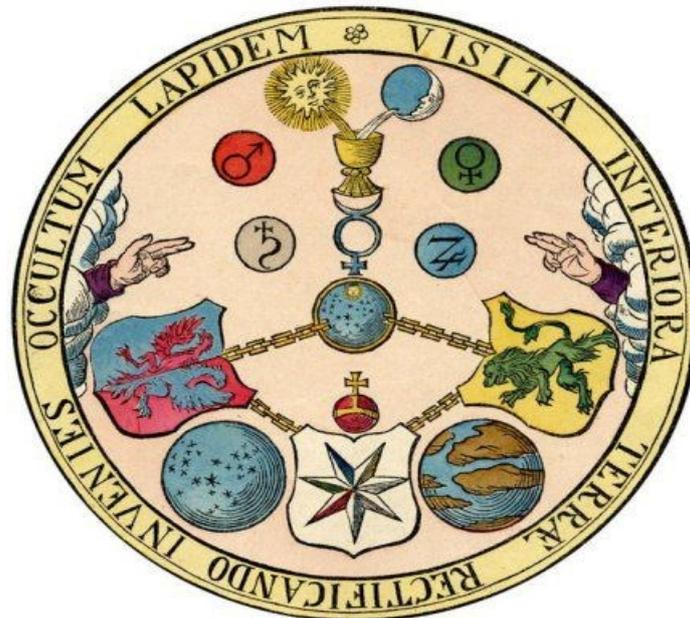
Concluí, que o homem se tangencia entre estas linhas, do bem e do mal, luz e trevas, indo de um extremo a outro, como em ziguezague, conforme melhor lhe convier. Sabemos que há situações na vida que nos colocam as margens, de um ou de outro lado.

Devemos, portanto, refletir sempre sobre os nossos atos e atitudes, para retificar os erros cometidos, somente assim, poderemos galgar o nosso crescimento interior. Para isto, é necessário um exercício constante de retorno à câmara, combinando com o “EU” ainda ali trancado.

Francisco Melo.:



Câmara das Reflexões



Câmara das Reflexões. Diz-se também Câmara de Reflexão. É um lugar secreto e fúnebre, forrado de preto, e com emblemas fúnebres e sentenças morais espalhadas pelas paredes. Não deve receber a luz de fora, sendo iluminado apenas por uma pequena lâmpada fosca ou uma vela. Deve imitar uma gruta ou caverna sombria. O Candidato permanece nesta câmara antes de sua recepção; ela simboliza o centro da terra de onde vimos e para a qual teremos de voltar. O profano é, logo de início introduzido neste lugar de meditação, para ensinar-lhe que o homem profano deve morrer naquele lugar, a fim de poder sair de lá regenerado e purificado. G. Persigout escreve "Câmara de Reflexão", no singular, e explica que, neste lugar, o profano não se entrega a reflexões, mas realiza uma "reflexão", no sentido de "retrocesso", sobre si mesmo, com o abandono de sua vida anterior para renascer de novo. Faz então o seu testamento e dispõe a sua última vontade. Esta prática tem como significado a purificação do profano pelo elemento Terra.

Este costume teve origem no Egito, onde o Iniciado era deixado só, rodeado de múmias e emblemas fúnebres, para que refletisse sobre o

passo que ia dar, e do qual, se não saísse vitorioso, dependia a sua liberdade pelo restante de sua vida, pois, não podendo mais voltar ao mundo profano, permanecia no Templo como escravo. A reflexão deve ser uma das características que distinguem o Maçom. Na Câmara de Reflexão, segundo J. Boucher, devem ser colocados Ossos, um Crânio humano, uma mesinha, um banquinho e uma caneta; sobre a mesa, pão e uma bilha d'água, uma taça contendo sal e outra enxofre.

Nas paredes desenhos simbólicos: um Galo sobre o qual há uma flâmula com as palavras "Vigilância e Perseverança", uma Foice, uma Ampulheta, a palavra "VITRIOL". Tudo isto representa um simbolismo que deve ser explicado: Pão e Água

As reduzidas dimensões da Câmara de Reflexão, o pão, a bilha d'água, a assemelham a uma masmorra. É também a imagem do Ovo dentro do qual se desenvolve o germe e, neste caso, o Pão e a Água são os elementos da simplicidade que deve reger a vida do futuro iniciado.

Em todas as religiões o Pão representou sempre a carne do Deus sacrificado. O Pão e a Água simbolizam os alimentos do corpo e do Espírito:

material e espiritual, necessários ao homem. Representam também, simbolicamente, as forças que o profano recebe para enfrentar as provas que vai sofrer.

A Água é geralmente considerada como o elemento indispensável à vida e o Pão, feito de trigo, simboliza a força moral e o alimento espiritual. Enxofre, Sal e Mercúrio. São os três princípios herméticos figurados na Câmara de Reflexão. O enxofre, símbolo do Espírito e o Sal, símbolo da Sabedoria e da Ciência, estão colocados cada um em uma taça. O Mercúrio, atributo de Hermes, é representado pelo Galo.



Câmara de reflexão—foto MJF, 2024

Para os hermetistas, os três princípios, Enxofre, Mercúrio e Sal, encontram-se em todos os corpos. Na madeira verde queimada, o vapor aquoso era o Mercúrio; o óleo inflamável, o Enxofre; as cinzas, o Sal. Em um ovo, o Mercúrio era a clara; o Enxofre a gema e o Sal a casca. Em um metal, o Enxofre era a sua alma, o “fixo” e o Mercúrio o corpo, o “volátil”. O Enxofre dava ao metal as suas propriedades físicas. O Enxofre simboliza o ardor, e o Sal, ao contrário, a ponderação. Estes dois princípios estão lá para mostrar ao candidato que não lhe deve faltar entusiasmo, mas deve saber moderá-lo. O Mercúrio, figurando sob a forma do Galo, é o símbolo da intrepidez e da vigilância.

Os antigos acreditavam que o Galo nada temia, nem mesmo o Leão. Em alquimia, o Leão e o Sol



Ampulheta, Sal, Enxofre e Mercúrio —foto MJF, 2024

são símbolos do ouro. Referindo-se ao Galo, um alquimista moderno escreve: “Esta ave que anuncia o nascer do dia e da luz, a aurora, exprime uma das qualidades do mercúrio secreto. É a razão por que o Galo, arauto do sol, era consagrado ao deus Mercúrio e figura sobre os campanários das igrejas”.

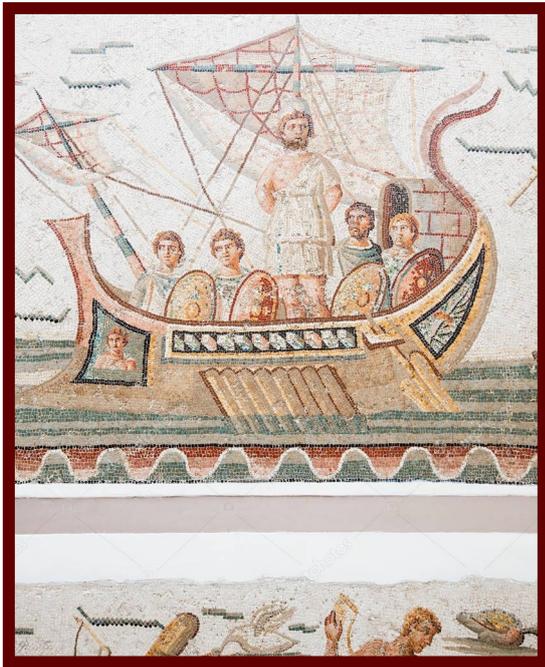
Em Maçonaria, o Galo anuncia a Luz que o Recipiendário vai receber. Ele é o signo exotérico desta luz.

Concluindo, acredito que, por tudo aquilo que representa, a C.: das RR.: não deve ser apenas um local reservado às iniciações, mas um espaço que pode, e deve, ser visitado sempre que nos encontremos em crise existencial, para repensarmos em nossa condição de auxiliares do G.:A.:D.:U.: na construção do Templo da Virtude, onde se possam cavar masmorras ao vício.

Paulo Galvão .:



Ítaca



Mosaicos—Musee National du Bardo, Tunes, Tunísia

Quando partires de regresso a Ítaca
deves orar por uma viagem longa,
plena de aventuras e de experiências.
Ciclopes, Lestregónios, e mais monstros,
um Poseidon irado – não os temas,
jamais encontrarás tais coisas no caminho,
se o teu pensar for puro, e se um sentir sublime
teu corpo toca e o espírito te habita.
Ciclopes, Lestregónios, e outros monstros,
Poseidon em fúria – nunca encontrarás,
se não é na tua alma que os transportes,
ou ela os não erguer perante ti.

Deves orar por uma viagem longa.
Que sejam muitas as manhãs de Verão,
quando, com que prazer, com que deleite,
entrares em portos jamais antes vistos!
Em colónias fenícias deverás deter-te
para comprar mercadorias raras:
coral e madrepérola, âmbar e marfim,
e perfumes subtis de toda a espécie:
compra desses perfumes quanto possas.
E vai ver as cidades do Egipto,
para aprenderes com os que sabem muito.

Terás sempre Ítaca no teu espírito,
que lá chegar é o teu destino último.
Mas não te apresses nunca na viagem.
É melhor que ela dure muitos anos,
que sejas velho já ao ancorar na ilha,
rico do que foi teu pelo caminho,
e sem esperar que Ítaca te dê riquezas.

Ítaca deu-te essa viagem esplêndida.
Sem Ítaca, não terias partido.
Mas Ítaca não tem mais nada para dar-te.

Por pobre que a descubras, Ítaca não te traiu.
Sábio como és agora, senhor de tanta experiência,
terás compreendido o sentido de Ítaca.

Konstantino Kavafis
(Trad. Jorge de Sena)

O Galo



Galo de Barcelos—Olaria tradicional

O galo é um dos primeiros símbolos que encontramos no caminho para a iniciação maçónica. Claro, todos nós já encontrámos uma simbologia ligada ao galo, mas os valores veiculados pelo animal de estimação podem não ser tão óbvios para todos e, especialmente, será interessante examinar as diferenças, semelhanças e complementaridades que, provavelmente, o galo, presente nos nossos dois países sugere... ponto de encontro ideal entre a França e Portugal, entre *Mosaïque* e *Adelaide Cabete*, analisemos então o ponto de vista francês sobre a questão.

Como Maçons, todos nós encontrámos já este animal na sala de reflexão, quando éramos ainda profanos; esse é o único lugar e a única vez em que nós o encontramos.

Qual é o seu significado esotérico e exotérico... é símbolo ou emblema... que nos traz ele a nós Maçons, ou como profanos prestes a ser iniciados?

O bestiário da maçonaria não nos esclarece muito estas questões; é quase sempre o Galo, entre Águia e Cão, Abelha e Fenix, aquele que parece ter os mais diversos significados.

Abordemos a questão sobre vários ângulos:

1. O galo: símbolo ou emblema gaulês? Certamente que partilhamos todos este aspecto...
2. O galo: vigilância e perseverança

3. O galo: luz e renascimento

4. O galo: de pé na torre do sino como o Maçon no seu templo

5. O galo: sabedoria, força e beleza, os nossos 3 pilares

6. O galo: símbolo hermético na história da alquimia.

O galo é, por vezes, referido como o símbolo e, por vezes, emblema, aproveitemos para ver qual a diferença entre os dois.

Como todos sabemos, nós maçons, o símbolo pode ser um objeto, imagem, palavra escrita, o som, ou uma determinada marca que vai nos ajudar a expressar uma riqueza inefável. O emblema, ele, "é um ideograma, uma cor, uma forma, um animal ou outro sinal convencional de valor simbólico, a intenção de representar uma ideia, um ser físico ou moral.". Vamos simplesmente observe a dimensão mais rica do símbolo em relação ao emblema.

O galo gaulês:

A batalha é feroz entre os historiadores sobre a realidade do galo gaulês como um emblema gaulês. Já ouviram certamente falar deste paralelo, Galo / Gália, feito por César, jogando com o duplo sentido de *gallus*: derivado de galo e Gália de *Gallia*. Parece, no entanto, não ser assim, e que essa assimilação foi feita por Suetónio, na obra *Vidas dos Doze Césares* (121 AD.). Muitos historiadores negam essa noção do emblema, porque a organização política gaulesa tornava impossível a existência de um emblema único. Parece também que foram poucas as moedas gaulesas gravadas com um galo.

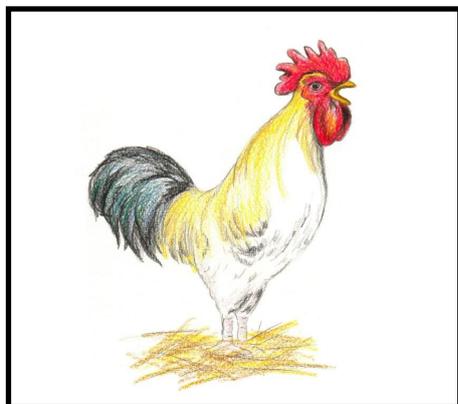
O galo, sem ter sido realmente Gaulês, tornou-se gradualmente o galo francês.

Na Idade Média, o clero considerava o galo "*símbolo da vitória e vigilância tinha o poder de expulsar os demónios com o seu canto.*" O bestiário medieval que mostra a bravura e o orgulho do galo, também mostra um animal ciumento, por vezes violento, polígamo, e, portanto, um símbolo da luxúria.

As artes mostram gradualmente as qualidades do galo; este torna-se o "*galo corajoso*", cujo nome se espalha até à personagem notável de Chantecler, um dos heróis emblemáticos do Romance de Renart.

Gradualmente, os valores positivos do Galo ganham

peso, até se tornar um emblema do Rei de França e depois da França. Christine de Pisan compara Charles V a um galo que olha sobre seus súbditos. Durante o Renascimento, François 1^{er} elaborou um programa político baseado no simbolismo do Galo: ele é mostrado como atributo do Sol, e de Marte e Mercúrio na antiguidade. Ele é mostrado como orgulhoso lutador, corajoso, qualidades que devem ser necessariamente o de



Galo Gaulês

um guia, rei de seu povo e conquistador ... a crista do galo é comparada à coroa no homem, ela mostra a sua soberania e superioridade.

O galo: vigilância e perseverança

Vigilância / perseverança e luz / Renascença, estas associações deslizam facilmente de umas para as outras, uma vez que é pela sua vigilância que o galo anuncia a luz que irá gerar renascimento.

No topo das igrejas, o galo vigia face aos ventos, às tempestades donde elas venham, recordando ao maçom que é seu dever lutar pelo progresso da humanidade, apesar das tempestades internas que o agitem. Edward Plantageneta, nas suas conversas iniciáticas, escreve: "O galo, gerador de esperança, só ilumina a consciência, se o Iniciado permanece vigilante quanto ao âmbito e espírito dos seus actos e se persevera no seu trabalho, insensível às contingências e inacessível ao desânimo. "

Atento ao cantar do galo, o maçom só trabalha na sua Loja do meio-dia à meia-noite; ele é implicitamente chamado, desde a manhã, para completar fora, o trabalho iniciado no templo. E é com orgulho, qualidade constantemente ligada ao galo e que significa a independência de carácter de alguém que sente a sua hon-

ra, que o maçom vai cumpri-las.

Na mitologia nórdica, o galo (vídofnir) não está empoleirado na torre, mas em Yggdrasil, a árvore cósmica colocada no centro do mundo. Esta ave considerada como pertencente ao mundo luminoso da vida e noturno da morte, foi encarregado de anunciar o crepúsculo dos poderosos. Mais uma vez, o galo é colocada na interface da escuridão e da luz.

O galo: luz e renascimento

É como um símbolo de aparição da luz que o galo é, obviamente, o mais conhecido. A Mitologia grega dá-lhe nascimento, por intermédio de Alectryon, amigo de Marte, responsável por informar este da chegada do Sol durante os seus encontros com a sua amante Vénus. Um dia Alectryon adormeceu e Marte e Vénus foram capturados por Vulcão. Uma vez libertado, Marte pune Alectryon transformando-o em pássaro. E é para nunca mais faltar à sua palavra, que ele canta todas as manhãs.

Ser aquele que afasta os demónios, que anuncia o fim das trevas e a vitória da luz, fez do galo, o símbolo da ressurreição ou do renascimento. Já entre os egípcios,



Cândido Portinari (1903-1962), Galo, gravura a ponta-seca sobre papel

o hieróglifo representando o primeiro dia do ano, mostra um homem sentado com uma águia em seus pés. Ele tinha uma crista de galo na cabeça, segurava o fogo na sua mão direita e um galo na sua mão esquerda. Águia, fogo, galo: este ternário indica o percurso iniciático, da morte até ao renascimento.

SE É A CURIOSIDADE que AQUI TE CONDUZ, RETIRA-TE

SE QUERES BEM EMPREGAR A TUA VIDA, PENSA NA MORTE

Na Grécia, sacrificavam um galo na morte de um humano para facilitar a sua ressurreição, e nem sequer Sócrates escapa a tal. O galo é assim associado a Hermes, o mensageiro que percorre os três níveis, do inferno para o céu. O Papa São Clemente, do século II, diz: "De dia como de noite, o galo anuncia a ressurreição."

O paralelo é fácil, para nós, porque nós todos aqui presentes fomos confrontados, pelo menos uma vez, com a morte simbólica no "gabinete de reflexão", mesmo se não estivéssemos conscientes. O galo, no "gabinete de reflexão", anuncia a chegada da luz, unicamente perceptível por um Ser que não seja inabalável nas suas certezas. Ele também nos diz que aquele que irá receber a Luz deve ser novo e libertado, entre outros, pelo seu testamento filosófico.

O galo: religião e verticalidade

Em muitas civilizações, o galo é, portanto, aquele que anuncia o fim da escuridão, afugentando todos os demónios que ensombram as noites. Por extensão, o galo chama o Iniciado, promete-lhe a Luz, se ele se comprometer a caçar os seus demónios interiores. É talvez porque ele anuncia mais do que ele mostra a Luz, que ele está localizado no "gabinete de reflexão" e não no templo, onde ele poderia estar diretamente associado ao Sol, já que tem estado particularmente associado a Apolo.

Voltemos ao simbolismo do galo entre os cristãos, que é duplo e de novo, a ressurreição e a vigilância. De facto, na última Ceia, Jesus diz a Simão Pedro que ele vai negá-lo três vezes antes do canto do Galo. Na terceira negação, o galo cantou, fazendo Pedro tomar consciência do que tinha feito. A origem legendária dos galos nas torres teria essa origem: Pedro, com rancor pelos Galos cantadores, embalsamava-os e expunha-os de forma destacada para inspirar reserva aos seus congéneres. Na verdade, a primeira presença de um galo numa torre de igreja, dataria do século IX na Itália.

Em sânscrito, o galo *Daksha* deu *déxios* em grego e *Dexter* em latim, designando um bom caráter, reto, honesto e inteligente, para não dizer "livre e de bons costumes". Esta honestidade é encontrada na verticalidade da posição do galo. Plínio, o Velho (50 A.C.) descreve-o assim: "O povo galináceo caminha de cabeça erguida e de crista direita. A única de todas as aves, muitas vezes a olhar o céu. Nós devemos demonstrar a verticalidade tanto fisicamente, "pondo-nos à Ordem",

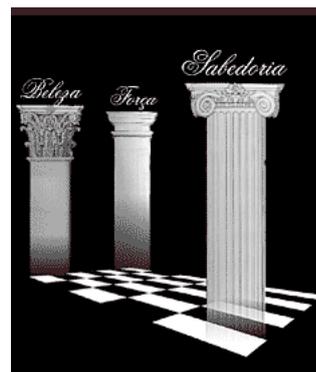
como mentalmente, pelo "fio de prumo", ou moralmente pela exemplaridade dos nossos actos. Hugues de Saint Víctor, filósofo e teólogo da Idade Média, escreveu: "O galo bate as asas antes de cantar; antes de acordar os outros, ele desperta-se a si mesmo". Não é isso que pedimos ao novo Iniciado, nas instruções em primeiro grau e na pergunta: quais são os deveres de um maçom?

O galo: sabedoria, força e beleza

Entrado na Loja, o Iniciado vai trabalhar diante dos três pilares: sabedoria, força e beleza, três características muitas vezes ligada ao galo.

Entre outras ligações, o galo foi assimilado com Atena, deusa da sabedoria e da razão, porque, estando sempre em alerta, simbolizava a base de toda a especulação filosófica.

A força do galo foi sempre relacionada com a sua cora-



Colunas—Wikimedia Commons, consultada em 02-05-2024

gem. Rabelais escreveu: "Ouvindo o cantar do galo, o leão animado de grande força e constância, ficou surpreso e consternado". Esta relação entre os dois animais era frequentemente descrita. Quanto a Buffon, ele vê nos combates de galos o desenvolvimento na alma humana dos germes do heroísmo.

O sangue do Galo, em muitos rituais mágicos, incluindo o "voodoo", presume-se ter valores restaurativos e terapêuticos.

Quanto à beleza, basta passar num galinheiro para se ter uma opinião. Beleza, que o Deus celta Lugh era o garante, era o Deus que, segundo algumas fontes, se chamava "Deus Galo." Júlio César fala dele, como o

deus que mostra o caminho, que guia, que ajuda ao sucesso. Façamos um paralelo, nesta forma de transmissão, com um mito que nos toca de perto: o de Salomão e Asmodeus. Quando Salomão quis construir o templo, ele teve dificuldades em encontrar as pedras de talha necessárias. Disseram-lhe que havia um verme,



Foto: David Palmer, Capercaillie, Tetrao Urogallus,

chamado Shamir, capaz de talhar as pedras mais duras. Asmodeus, rei demónio feito prisioneiro, diz-lhe que Shamir estava guardado e protegido pelo Galo de Bruyère.

Benaia, o guerreiro, vai procurá-lo levando um sino em vidro, por precaução, para capturar o verme. Ele encontra o ninho do galo numa alta montanha. O galo ausente, Benaia coloca o sino de vidro sobre o ninho; quando regressou, o galo não pôde alimentar a sua prole, ele vai buscar o Shamir, coloca-o no sino que explode imediatamente. Benaia apanha o Shamir antes que o galo o pudesse trazer de volta. Assim, embora o galo passe, por uma vez, pelo bobo da história, ele é, em parte, responsável pela construção do templo.

O galo: símbolo hermético

No “gabinete de reflexão”, podemos ver: enxofre, mercúrio, sal, o galo e a fórmula VITRIOL. Somos convidados a seguir as etapas dos processos alquímicos, que conduzem da “obra ao negro” à “obra ao vermelho”: é interessante notar que *Galo*, vem de *kog*, raiz celta que significa vermelho. O profano deve seguir as fases da obra alquímica: limpar a matéria das suas impurezas (separar o puro do impuro), calcinação, dissolução, coagulação e sublimação.

O Galo, símbolo de Hermes, protege o neófito na sua viagem. Ele é conhecido por caçar o leão que quer engolir o homem em tentação. O galo, portador das três cores alquímicas (preto, branco, vermelho), "fogo secreto" dos alquimistas, já anuncia o nascer do dia, a chegada da luz. Ele simboliza o mercúrio alquímico, princípio passivo, gás húmido, associado à Lua, que combina com o enxofre, símbolo do espírito, e princípio activo. Desta união, alcançada através da acção do sal, símbolo da sabedoria, nascerá a pedra que interessa

aos alquimistas.

No entanto, não devemos esquecer que, paralelamente à alquimia operativa, desenvolveu-se uma alquimia espiritual ou filosófica. É, sem dúvida, este caminho que deve ser seguido pelos maçons, ultrapassando os aspectos materiais, respeitantes aos metais e outras substâncias, de forma a poder debruçar-se sobre o futuro do homem e da sua possível transformação. O objetivo final da alquimia é o desenvolvimento de um homem novo, gnóstico realizado, através da implementação de todas as faculdades do espírito.

Como no processo alquímico, o objetivo da maçonaria não é só de transformar, mas de transmutar, ou seja, nós não queremos somente mudar a forma, mas mudar a natureza profunda das coisas. Ser maçom, será então seguir um caminho de mudança, com a dificuldade que reside no facto de aceitarmos um princípio: o da reflexão, e da promessa de evolução, sem sabermos na verdade, onde tudo isso nos vai conduzir.

Em conclusão, o Galo, com o seu canto desperta-nos. A nos que, pelo juramento que fizemos, existimos para garantir a liberdade, a igualdade e a fraternidade, para despertar as consciências. Nós, que estamos reunidos no que há de mais belo na Loja, a egrégora, raiz grega



Moeda de 20 francos franceses, 1899

que significa levantar-se, despertar.

Um símbolo, seja qual for, está vivo pela infinidade de possíveis visões, sobre uma mesma base. O símbolo desperta a curiosidade, a pesquisa; o símbolo une. E não é isso que faz o galo? Que, simbolicamente, nos desperta do nosso torpor, anunciando o tempo do trabalho de onde surgirá a luz.

R.:L.: Mosaique / R.:L.: Adelaide Cabete



Considerações sobre a cativação da raposa

“Suspensão voluntária da descrença” é um conceito que Coleridge utilizou pela primeira vez no séc. XIX.

Essa ideia defende que, na leitura de ficção, existe um compromisso que requer ao leitor a “suspensão de uma descrença”; ou seja, a aceitação da abertura da consciência o mais possível.

“O Príncipezinho” é um livro que requer esta suspensão em todas as páginas e, como é sabido tem-na alcançado milhões de vezes.

“Essa magia” é, ela própria, uma concretização das ideias do príncipe: a suspensão de ver o mundo à maneira dos adultos.

Desde as primeiras críticas que o livro recebeu nos EUA, sempre tem existido uma discussão acerca de qual o verdadeiro público destinatário deste livro: adultos ou crianças?

É curioso uma discussão como esta acerca de um livro que assenta alguns dos seus principais debates precisamente na oposição adulto/criança.

Em 1958 a edição húngara foi banida pelo governo comunista com o pretexto de que *“pode viciar o gosto das nossas crianças. Este regime exige às suas crianças, os homens de amanhã, que tenham os dois pés bem assentes sobre a terra.”*

Preservemos as nossas crianças do veneno dos contos de fadas, como da nostalgia absurda e mórbida de “O príncipezinho” que aspira tão idiotamente à morte.”

..... Em relação às rosas ele disse *“. Vocês são belas, mas são vazias não se pode morrer por vocês”.*

Foi ele que cativou a rosa ou foi a rosa que o cativou a ele?

O segredo da raposa “por ser um segredo” diz-nos também que aquilo que é secreto é mais valioso.

O príncipezinho aprende bastante na sua viagem, mas a raposa mostra-lhe que mesmo o explorador mais realizado precisa de validação. A figura da raposa apresenta-se como uma mentora que o esclarece e lhe mostra quais os aspetos realmente importantes do que aprendeu.

Ao mostrar-lhe porque é que a rosa é tão importante para ele a raposa facilita a partida do príncipezinho. Dá-lhe um sentido: já aprendeu algo de valioso ali podendo assim ir-se embora.

Quando nós conhecemos um novo amigo, jamais nos informamos do essencial.

Essa obra, em diversos momentos, nos convida a refletir sobre o valor da amizade. E nesse aspecto vale ressaltar a interação com a raposa. A raposa rejeita brincar com o príncipezinho porque ainda não foi cativada, ou seja, não criaram laços e ainda não são únicos no mundo um para o outro.

A raposa também ensina sobre a importância de ser paciente (*sentarás um pouco longe de mim...*) e a disciplina (*teria sido melhor voltares à mesma hora*) para compor ritos. Os ritos, segundo Jung, marcam transições importantes, ajudam a lidar com momentos difíceis e auxiliam o crescimento psicológico.

Essa mesma raposa lhe ensina que construir relações demanda tempo e investimento. É quando o príncipezinho percebe que foi o tempo dedicado à sua rosa que a tornou tão especial. O valor é atribuído de acordo com a experiência, a percepção e seus significados.

Outra aprendizagem na interação com a raposa é que relacionar-se demanda coragem, afinal *“A gente corre o risco de chorar um pouco quando se deixou cativar”.*

Uma provocação que pode ser trazida pela função sentimento é que nem todos os problemas do mundo poderão ser resolvidos através da lógica e da ordem. E que em algumas situações, ainda mais importante do que uma justiça irredutível, é o exercício da compaixão.

Para finalizar, sugiro que reflita atentamente sobre o segredo da raposa, que sintetiza trechos importantes dessa obra:

“Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.”

Vítor Cardoso .:



Excerto do Capítulo 21 De "O Principezinho"



Foi nessa altura que apareceu a raposa.

Bom dia - disse a raposa.

Bom dia - respondeu educadamente o principezinho, que se virou mas não viu nin-guém.

Estou aqui - respondeu a raposa. - Debaixo da macieira.

Quem és tu? - perguntou o principezinho. - És muito bonita.

Sou uma raposa - respondeu a raposa.

Anda brincar comigo - propôs-lhe o principezinho. - Estou tão triste...

Não posso brincar contigo - respondeu a raposa. - Ainda não fui cativada.

Ah! Desculpa - disse o principezinho.

Mas ele ficou a pensar e a seguir perguntou: O que é que significa «cativar»?

Tu não és de cá - disse a raposa. - O que procuras?

Procuro os humanos - respondeu o principezinho. - O que significa «cativar»?

Os humanos - disse a raposa - têm espinhargas e caçam. É muito aborrecido. Eles também criam galinhas. É a única coisa interessante que fazem. Andas à procura de galinhas?

Não - respondeu. - Ando à procura de amigos. O que significa «cativar»?

É uma coisa que caiu em esquecimento - respondeu a raposa. - Significa «criar laços...»

Criar laços?

Isso mesmo - disse a raposa. - Para mim, tu não passas de um rapazinho parecido com milhares de outros rapazinhos. E eu não preciso de ti. Nem tu de mim. Para ti, sou apenas uma raposa semelhante a tantas outras raposas. Mas se tu me cativares, passamos a precisar um do outro. Tu passas a ser único no mundo para mim. E eu passo a ser única para ti...

Começo a perceber - disse o principezinho. - Há uma flor... Eu acho que ela me cativou...

É possível - respondeu a raposa. - Na Terra encontra-se de tudo.

Ah! Mas não é na Terra - comentou o principezinho.

A raposa parecia intrigada.

É noutro planeta?

Sim.

E nesse planeta há caçadores?

Não.

Interessante! E galinhas?

Não.

Não se pode ter tudo - suspirou a raposa.

E a raposa retomou o seu raciocínio:

Eu tenho uma vida monótona. Caço galinhas, os humanos caçam-me a mim. As galinhas são todas iguais e os humanos também. Por isso, aborreço-me um bocado. Mas, se tu me cativares, a minha vida será iluminada. Reconhecerei o ruído de uns passos que será diferente de todos os outros. Os outros passos fazem com que me esconda. Os teus atrair-me-ão para fora da toca, como uma melodia. E depois, olha! Vês, ali em baixo, aqueles campos de trigo? Eu não como pão. Para mim, o trigo é inútil. Os campos de trigo não me fazem lembrar nada. E isso é triste! Mas tu tens cabelos da cor do ouro. Por isso, quando me cativares será maravilhoso. O trigo, que é dourado, far-me-á lembrar de ti. E eu vou passar a adorar o ruído do vento no trigo...

A raposa calou-se e ficou muito tempo a olhar para o príncipezinho.

Por favor... cativa-me! - disse-lhe ela.

Eu bem queria - respondeu o príncipezinho. - Mas não tenho muito tempo. Tenho amigos para conhecer e muitas coisas para descobrir.

Nós só conhecemos as coisas que cativamos - disse a raposa.

Os humanos não têm tempo para conhecer nada. Compram as coisas já feitas nas lojas. Mas como não há lojas que vendam amigos, os humanos têm poucos amigos. Se tu queres ter um amigo, cativa-me.

O que tenho de fazer? - perguntou o príncipezinho.



Tens de ter muita paciência - respondeu a raposa. - Começas por te sentar um pouco mais

longe de mim, assim, na relva. Eu observo-te pelo canto do olho e tu não dizes nada. A linguagem é uma fonte de mal-entendidos. Mas, dia após dia, podes começar a sentar-te cada vez mais perto...

No dia seguinte, o príncipezinho voltou.

Era melhor que tivesses vindo à mesma hora - comentou a raposa. - Se vieses, por exemplo, às quatro da tarde, às três eu já começo a ficar contente. Quanto mais a hora se aproximar, mais feliz eu me sentirei. Quando forem quatro horas, eu começo a ficar agitada e inquieta. Conhecerei o preço da felicidade! Mas se tu vieses a uma hora qualquer, eu não sei a que horas



devo preparar o meu coração... Eu preciso de rituais.

O que é um ritual? - perguntou o príncipezinho.

Também é uma coisa muitas vezes esquecida - disse a raposa. - É o que faz com que um dia seja diferente de todos os outros e uma hora diferente das outras todas. Por exemplo, os meus caçadores têm um ritual. Às quintas-feiras, eles dançam com as raparigas da aldeia. Por isso, a quinta-feira é um dia maravilhoso! Eu posso ir passear até à vinha. Se os caçadores dançassem num dia qualquer, os dias eram todos iguais e eu não tinha férias.

Foi assim que o príncipezinho cativou a raposa. E quando a hora da partida se aproximou:

Ah! - exclamou a raposa. - Vou chorar.

A culpa é tua - respondeu o príncipezinho.

Eu não queria fazer-te mal, mas tu quiseste que eu te cativasse...

Pois foi... - disse a raposa.

Mas vais chorar! - disse o príncipezinho.

Sim - disse a raposa.

Por isso, não ficas a ganhar nada!

Ah, isso é que ganho - disse a raposa. - Por causa causa da cor do trigo.

E, a seguir, acrescentou:

Vai ver as rosas mais uma vez. Vais perceber que a tua é única no mundo. Volta para te despedires de mim e eu vou presentear-te com um segredo.

O príncipezinho foi rever as rosas.

Vocês não são nada parecidas com a minha rosa. Ainda não são nada - disse ele às flores. - Ainda ninguém vos cativou e vocês não cativaram ninguém. Vocês são como era a minha raposa, que era uma raposa parecida com todas as outras. Mas eu fiz dela minha amiga e agora ela é única no mundo.

E as rosas ficaram muito incomodadas.

Vocês são belas, mas são vazias - prosseguiu ele. - Não se pode morrer por vocês. É claro que para um qualquer transeunte, a minha rosa é parecida convosco. Mas só ela é mais importante que todas vocês, porque foi ela que eu reguei. Foi ela que tapei com a campânula. Foi ela que abriguei com o guarda-vento. Foi por ela que eu matei as lagartas (à exceção de duas ou três, para que houvesse borboletas). Foi ela que ouvi queixar-se, gabar-se e, às vezes, calar-se. Porque ela é a minha rosa.

E ele voltou para junto da raposa.

Adeus - disse-lhe.

Adeus - respondeu a raposa. - O meu segredo é este. É muito simples. Nós só vemos bem com o coração. O essencial é invisível aos olhos.

O essencial é invisível aos olhos - repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.

É o tempo que tu perdeste com a tua rosa que a torna tão importante.

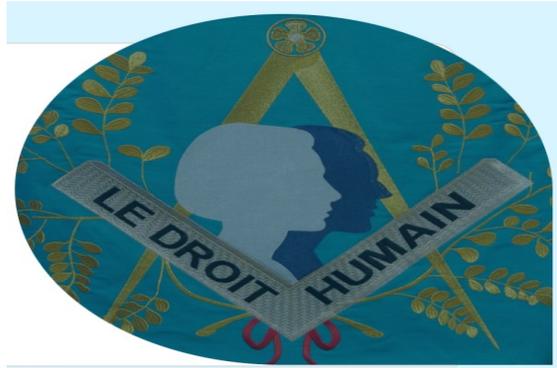
É o tempo que eu perdi com a minha rosa... - disse o príncipezinho, para se lembrar.

Os humanos esqueceram essa verdade - disse a raposa. - Mas tu não deves esquecer-la. Tu tornas-te responsável para sempre por aquilo que cativas. És responsável pela tua rosa...

Eu sou responsável pela minha rosa... - repetiu o príncipezinho, para não se esquecer.



A Maçonaria não é para todos



Gosto muito de inícios.

Como quando era estudante e abria os cadernos no princípio do ano letivo.

Lembram-se dessa sensação, do chamado *fresh beginning*, da alegria de saber que iriam vir ao nosso encontro novos conhecimentos, iriam abrir-se novos mundos de descoberta? Lembram-se?

Eu lembro-me de ficar suspensa nesse momento do tempo no qual tudo parecia vir a ser possível, enquanto olhava as páginas em branco dos meus cadernos de estudante menina.

Gosto muito de inícios...

Mantendo o espírito jovem podemos recuperar essas sensações esperançosas de que há um caminho de luz à nossa frente.

Gosto muito de inícios... e aqui estamos nós, numa sessão solene de abertura do novo ano maçônico, no berço da nacionalidade, porque connosco tudo é símbolo.

E gostaria de partilhar convosco, meus Irlr. e minhas lala., algumas reflexões que me surgiram quando me concentrei neste momento de renascimento simbólico. E a reflexão principal que veio ter comigo é esta: A Maçonaria não é para todos.

Agora que estamos numa época em que a inclusão se tornou moda, esta afirmação pode parecer obscena, porque os nossos ouvidos têm sido massacrados com esta ideia da inclusão, impondo conceitos novos que pouco ou nada interessam, porque o que é importante é que as pessoas se expressem livremente num quadro de respeito social.

Nós, DH, orgulhamo-nos de ser a 1ª Obediência mista

da história da Maçonaria, tradicionalmente ligada ao género dominante na sociedade durante séculos, o masculino, claro, que tomou até alguns aspetos misóginos, em certas épocas e culturas.

Porque não haver mulheres na Maçonaria? Claro que para o momento atual desta parte do mundo onde vivemos, não faz sentido que as mulheres não possam ser maçons ou maçonas, como dizem, por exemplo, as nossas lala da GLFP. Embora sendo um feminino algo forçado, que nós não usamos no DH, não desgosto dele, porque sempre me faz lembrar as Amazonas, figuras mitológicas que sempre apreciei.

A nossa Constituição atual, refiro-me obviamente à do DH, já não se refere a homens e mulheres, mas sim a seres humanos, permitindo assim a inclusão de outras formas de designar os géneros humanos.

(Artigo Primeiro – Fundamento da Ordem

Ao proclamar LE DROIT HUMAIN, a Ordem deseja que todos os seres humanos venham a fruir em toda a terra, de forma igual, da justiça social numa humanidade organizada em sociedades livres e fraternas).

Todavia, continuamos a falar de Maçonaria masculina, feminina e mista, até que provavelmente sejam encontradas novas formas de designação.

Mas isso na verdade deixou de ter importância. As várias Obediências que existem ou vão sendo criadas vão-se inserindo ainda nestas designações e embora existam defensores de cada um desses ramos, pode dizer-se que ninguém já põe em causa a existência dos outros.

No entanto, e independentemente das questões de género, continuo a afirmar que a Maçonaria não é para

todos.

O que quero falar aqui é de espírito maçónico, algo tão repetido que, tal como a palavra amor, se banalizou e temos dificuldade em traduzir em palavras.

Por isso não vou falar mais de espírito maçónico, vou falar é de Maçonaria.

Maçonaria é, sinto eu, muito mais do que conhecer o ritual ou o significado dos símbolos. Isso é só conhecer a teoria e não ter a prática.

A Maçonaria é um caminho de desenvolvimento pessoal. Quem não entende isso não está a fazer o caminho maçónico. E para percorrer este caminho não existem muitas opções. Ou o honramos ou o abandonamos. E o abandono não é desonra, significa apenas que não nos identificamos com ele. Os caminhos à nossa disposição são muitos, não existe um que seja o Caminho.

A Maçonaria não é um caminho de multidões. É seletivo, sem contudo ser elitista. E como não é para todos, fazemos entrevistas, procuramos fazer uma triagem inicial, sempre suscetível de escolhas menos certas.

Este caminho não é para todos, porque não é um caminho fácil!

E que desafios temos neste caminho? Falemos de alguns, que considero como os mais importantes.

Em primeiro lugar coloco o ego, tão valorizado na vida profana. Aqui advoga-se a humildade do ego. A consciência de que somos uma pedra bruta que precisa ser trabalhada é o princípio do caminho da humildade. E à medida que a vamos desbastando e ela vai tomando uma forma mais harmoniosa, precisamos estar sempre conscientes que essa pedra que representa o nosso ego, não vai ficar sobre um altar no final do percurso, ela vai fazer parte duma parede onde se encontram outros tantos egos igualmente aparados, na construção conjunta do almejado edifício. Uma pedra sozinha não constrói um Templo.

E isso leva-nos a outro desafio: a Fraternidade, que tantas vezes repetimos nas nossas baterias. A consciência de grupo é fundamental em Maçonaria. Ela pede-nos sensibilidade e não julgamento e pede-nos, sobretudo, valores comuns, que nos agreguem e que não estejam baseados nem sediados no ego.

E os egos gostam de poder. Aqui, na Maçonaria, muitos egos se desencantam, porque todo o poder formal é provisório. O verdadeiro poder é o da Sabedoria e esse encontramos-lo no caminho iniciático. Esse Caminho é o mais importante, como em todos os caminhos que percorremos na vida. A meta não é o mais relevante, o que

vamos experienciando e aprendendo no percurso, sim, porque é isso que nos fortalece a cada passo. O caminho feito em fraternidade é o caminho do peregrino.

E temos ainda a vivência do Ritual. Não queremos robots na Maçonaria, o ritual não é para ser vivido dessa forma, cada gesto, cada palavra tem uma razão de ser que precisa ser interiorizada para ser cabalmente vivida. Na Maçonaria queremos seres conscientes, que estejam interessados em fazer um processo de expansão de consciência. Seres perfeitos? Não existe perfeição na Terra, pois nós somos seres em evolução e perfeição também é um conceito que não é imutável, pois depende dos contextos culturais e das épocas.

Nós somos seres em evolução.

É por isso que a Maçonaria não é para todos. É só para quem esteja disposto a fazer um trabalho consigo mesmo, para quem queira efetivamente trabalhar a dura pedra e contribuir para criar uma comunidade que partilhe valores comuns. Não existe uma única forma de estar na Maçonaria, pois cada ser humano é único. Cada qual tem de perceber qual é a sua forma e como ela se integra no Grupo que constituímos. Uma pedra não constrói um Templo.

Aqui não cabe a competição individual, a crítica fácil, baseada no ego sobranceiro, não tem lugar aqui.

É por isso que a Maçonaria não é para todos. Este caminho não serve para toda a gente e os vários passos do percurso que vamos fazendo são oportunidades de verificação se estamos no caminho certo para nós.

É por isso que gosto dos inícios, porque são oportunidades de fazermos um balanço.

Assim, estas são as minhas boas vindas para vós, meus Irmãos e minhas Irmãs, dou-vos as boas vindas no meu coração e a esta sessão de abertura do novo ano maçónico, agradecendo a solidariedade dos nossos Ilr. do GOL, pela disponibilização destas instalações.

Somos maçons de plena consciência, seres em evolução, estar na Maçonaria foi a nossa escolha, por isso pertencemos aqui porque queremos honrá-la.

Clara de Almeida .:

Presidente do Conselho Nacional da Federação Portuguesa do DH

Abertura do Ano Maçónico 2023-2024 (E.: V.:)





Tema Simbólico 2022-2023 (E.:V.:)

A essência da Música, Simbolismo e importância ritualística”



Lobegesang auf die feierliche Johannisloge, K. 148, "O heiliges Band der Freundschaft",
Marianne Beate Kielland In <https://youtu.be/ZhYIsWhCCgs?si=X0KiSo8LcY-X3-ma>

um
esta-

Essência:

Comprimeto de onda vibratória, que viaja no espaço e no tempo, produzindo sons pelos movimentos vibratórios e reverberantes que provoca no meio envolvente com que interage, e que se conjugados com ritmo e harmonia, nasce a música.

Música é a arte de produzir e combinar acordes usando todos os elementos sonoros, como instrumentos, ritmos, sonoridades, tons, melodias, harmonias, entre outros, sendo agradáveis ao ouvido, e em que as suas modulações comovem a alma, exercendo em todas as civilizações um papel importante nos eventos sociais e pessoais mais relevantes, onde assume o papel de mediador entre o intelecto e o espírito, tendo assim especial importância nas cerimónias ritualísticas.

A música assumiu um papel importante nas diferentes civilizações, sendo que para os gregos, a palavra música significava a “arte das musas”, e que à semelhança dos egípcios, dedicavam a música aos deuses, acreditando possuir poderes mágicos.

Em muitas religiões e tribos, acredita-se que os sons e a música possuem efeito psicofísico, capazes de curar ou ferir, e muitos estudos apontam que a música tem influência nos seres vivos. Um dos exemplos é a religião Hindu, que atribui diferentes tons a cada Mantra, e que repetidamente proferidos, permitem ao ouvinte obter

do concentrador e meditativo. Já o uso dos harmónicos, como sons sagrados, são encontrados nas tradições Xamânicas e Místicas, particularmente no Budismo Tibetano e cantos Mongóis, onde através da habilidade desenvolvida de criar múltiplos harmónicos vocais, ou polifónicos, são usados para invocar divindades e forças diferentes de energia para equilibrar os sete chakras do corpo humano.

Simbolismo e importância ritualística:

Na Maçonaria, a música simboliza a harmonia do mundo e, especialmente entre os maçons, e através da beleza dos sons, os seus ritmos e harmonia, alcança-se a sabedoria do silêncio. A própria arte de fazer música é, à semelhança da Maçonaria, uma construção de carácter iniciático, em que os elementos que as compõem são as notas musicais, pedras talhadas a partir das pedras brutas que são os sons, essas as pedras justas e perfeitas do edifício musical que devem ser encaixadas, numa construção, seguindo uma peça de arquitetura, sendo neste contexto, uma “arte real”, uma vez que nos revela as leis universais que poderemos organizar em três etapas, nomeadamente o Silêncio, o Som, e por último a Melodia. Podemos assim fazer a analogia com os três pilares necessários à talha da pedra, com a Força, a Beleza e a Sabedoria, e por sua vez aos três graus iniciáticos, com o Aprendiz, o Companheiro e o Mestre.

Numa Loja Maçónica, a música está a cargo da coluna da Harmonia, designação que data de meados do séc. XVIII, no final do reinado de Luís XV, e que então referia-se ao conjunto de instrumentos que tocavam nas cerimónias, normalmente constituído por clarinetes, oboés, fagotes e um tambor. A responsabilidade da condução musical numa loja maçónica é do Mestre da Harmonia, que usa colar de oficial de Loja com o símbolo de uma Lira, e ocupa habitualmente o lugar no extremo oeste da coluna sul, junto à Coluna J. A lira, inventada por Hermes ou por uma das nove Musas, Polímnia, é o instrumento musical de Apolo e Orfeu. A designada Coluna da Harmonia não é um termo recente visto que compositores como Mozart, Sibélius, Liszt, Haydn, entre outros, terem escrito peças específicas para a ritualística maçónica.

John Blacking, um dos pais da Moderna Etnomusicologia na sua obra seminal “How Musical is Man?” (Quão Musical é o Homem?) refere que a música era “Humanly Organized Sound” (Sons Humanamente organizados), referindo-se à Humanidade como “Soundly organized Humanity” (Humanidade organizada por Sons), numa referência à música ser vista como uma capacidade universal, intrínseca e fundamental à sociedade Humana.

Na “[Flauta Mágica](#)” de Mozart, uma das músicas mais emblemáticas da maçonaria, dá-se a luta entre a escuridão e a luz. A temática é revelada no fim da composição em que “os raios de sol empurram a Rainha da noite para fora do templo e Sarastro e Tamina podem ter acesso à luz”.

Platão afirmou que: “A música dá alma ao universo, asas à mente, voo à imaginação, e vida a tudo!”, “A música é o meio mais poderoso do que qualquer outro porque o ritmo e a harmonia têm como sede a alma. Ela enriquece esta última, confere-lhe a graça e ilumina aquele que recebe uma verdadeira educação.”

Seria importante mencionar que a música foi colocada, como a Maçonaria, sob o patrocínio de São João. Foi Guido d’Arezzo, no século XI, que escolheu as primeiras sílabas de hemistíquio das escrituras de São João Baptista para caligrafar as notas “Ut, Re, Mi, Fá, Sol, Lá”, sendo que o “Si”, iniciais de “Sancte Iohannes” foi adicionado no final do século XVI por Anselmo de Flanders, e o “Dó” em 1673 pelo italiano Bononcini.

A Música maçónica foi iniciada por Desaguliers, em 1723, que compôs cânticos maçónicos que eram transmitidos apenas oralmente, o que explica os poucos vestígios dessas peças musicais, e talvez por isso é muitas

vezes ignorado.

Entre 1738 e 1756, são introduzidas várias músicas nos rituais da Grande Loja de Inglaterra, entre as quais a “Canção do Aprendiz”, a “Canção do Companheiro”, a “Canção do Venerável Mestre” e a “Canção do Guarda Externo”. O Livro da “Loja da Amizade” em Londres, faz referência que as canções históricas, ao conter as mesmas mensagens das constituições, eram uma maneira agradável de substituir a leitura obrigatória dessas.

É normal que a Maçonaria, sendo uma ordem de natureza iniciática, simbólica e sagrada, através do seu ritual, esteja desde sempre cercada de música, através do ritmo dos movimentos, baterias ritmadas, ou até mesmo pelo ritmo das batidas do martelo.

A Música ajuda a invocar o melhor de nós mesmos, contribuindo dessa forma para a expressão mais elevada do movimento harmónico em Loja, a Egrégora, uma forma prática de despertar e exaltar a consciência e união.



Tema Social 2022-2023 (E.:V.:)

Para uma sociedade mais justa, igualitária e feliz, será necessário sobrepor o interesse coletivo ao interesse individual?

“Se queres saber quem sou,
Se queres que te ensine o que sei,
Deixa um pouco de ser o que tu és
E esquece o que sabes.” , Tierno Bokar,

Nas sociedades contemporâneas altamente digitalizadas, consumistas e globalizadas, o homem ainda vive abstraído pela realidade materialista do constante apelo ao consumo, à aquisição de bens, obcecado em atingir uma imagem de sucesso mais associada ao ter e ao parecer, que ao Ser. Pese embora que cada vez mais pessoas procuram viver uma vida mais virada para a sustentabilidade dos recursos do planeta e para o bem-estar animal.

Uma boa qualidade de vida depende do elevado grau de satisfação das necessidades básicas. De acordo com Abraham Maslow, psicólogo humanista, na sua teoria da motivação humana diz-nos que a satisfação de um indivíduo numa determinada situação vai depender sempre das suas expectativas, que refletem por sua vez, vários tipos de necessidades conscientes ou inconscientes. Assim, a análise filosófica do conceito de “felicidade” é recorrente em vários lugares e áreas do conhecimento, conduzida por entidades públicas e privadas, o que só reforça a sua importância.

Todos os seres humanos, em todos os lugares e circunstâncias, sonham ser felizes, e, para tal, as sociedades democráticas, especialmente nos últimos dois séculos, têm vindo a criar mecanismos com vista a garantir “uma sociedade mais justa e igualitária”, que permita uma felicidade crescente e continua dos seus cidadãos, quer nos aspetos endógenos quer nos exógenos.

A felicidade, justiça e igualdade são intangíveis, têm custos, mas não são bens adquiríveis, como tal resultam de um processo de reflexão constante e de aperfeiçoamento.



Avental que pertenceu a Sidney Mason, o primeiro cônsul da América em Porto Rico, e data de cerca de 1822. O desenho impresso foi criado por Edward Horsman de Boston em 1814, *in* www.freemason.pt/colmeia/

“A felicidade não deve depender de pessoas, nem de coisas, mas de objetivos”

(Albert Einstein)

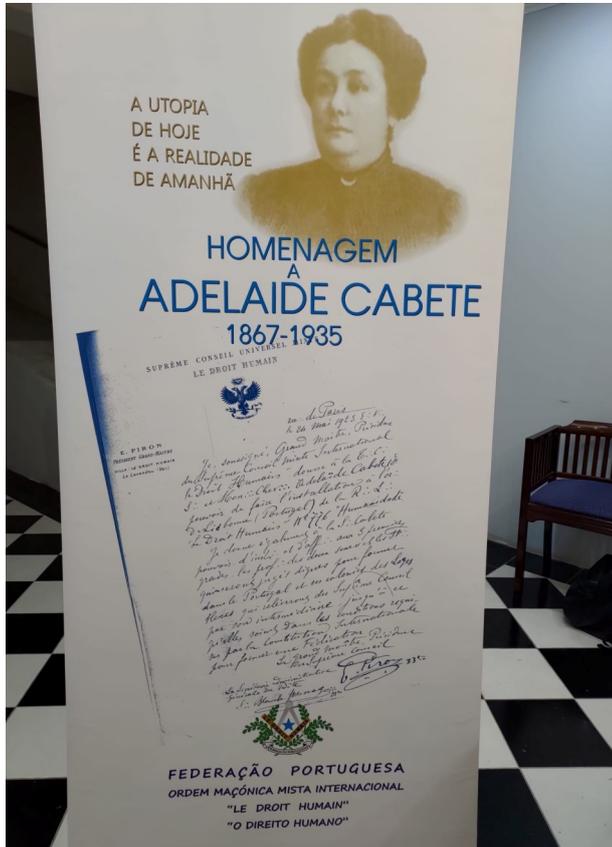
Enquanto Maçons, almejamos sempre às necessidades básicas mais elevadas de autoaperfeiçoamento, de realização pessoal e da busca incessante da Felicidade alcançados no ideário maçónico da perfeitabilidade do Homem, nunca perdendo de vista a nossa obrigação ética e moral de sermos cada vez mais solidários e justos numa sociedade cada vez mais desigual.

Transformando-nos, transformamos o mundo. É desta forma que a Maçonaria contribui para construção de uma melhor sociedade, mais justa

Duas palavras e uma expressão fazem todo o sentido, quando questionamos as nossas práticas espirituais e maçónicas. A primeira palavra é o “desprendimento”; a segunda “compromisso”; e a expressão é “autoconhecimento grupal”.

“Desprendimento”, ou desapego, de tudo aquilo que está a mais e não nos deixa voar em direção à Liberdade.

de ao Céu e ao Sol. Sejam cadeias de natureza física, ligadas às coisas e aos objetos, ou sejam principalmente, cadeias de natureza psicológica e mental, ligadas estas à ignorância, ao egoísmo, ao xenofobismo e a tantos outros “ismos” negativos, que se encontram em franco crescimento na nossa sociedade.



“Compromisso”, uma palavra que acompanha o homem desde que ele ascendeu ao patamar evolutivo do racional, que tão bem caracteriza o género humano. Terá sido o entendimento do conceito implícito na palavra “compromisso” que permitiu aos homens arcaicos a empatia necessária e essencial para a criação de laços afetivos e de constituição de uma ética social.

Quando falamos em autoconhecimento despertamos de imediato o estado de alerta do nosso “eu”, sempre desejoso de uma atenção infinita. Quando nos procuramos conhecer, através de uma vivência relacional e enquanto elementos de um grupo (de uma Loja porque não?), procurando um crescimento e uma descoberta espiritual em conjunto, todos poderemos beneficiar com essa experiência e – quem sabe? – com o conse-

quente despertar interior de cada um, beneficiando e qualificando as práxis dos “eus” e dos “nós”.

“O caminho faz-se caminhando”, como diz o poeta! Mas, não será mais proveitoso segui-lo acompanhado?

E partindo deste conceito relembramos um trecho de uma música composta pelo compositor brasileiro, já falecido, António Carlos Jobim: **“Fundamental é mesmo o amor, é impossível ser feliz sozinho...”**

As interações sociais entre os humanos estabeleceram uma ampla variedade de valores, normas e rituais, que fortalecem a sociedade humana.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.

“Sou quem sou porque somos todos nós”. Exprime a consciência da relação entre o indivíduo e a comunidade.

Só a via do conhecimento, o caminho para a Luz e o evoluir de consciência, efetuado num percurso fraterno como é aquele que percorremos em Maçonaria poderá realizar uma sociedade mais justa igualitária e feliz.

E quem pense que tudo o que foi dito não passa de uma utopia, recorde as palavras da nossa Ira.: Adelaide Cabete:

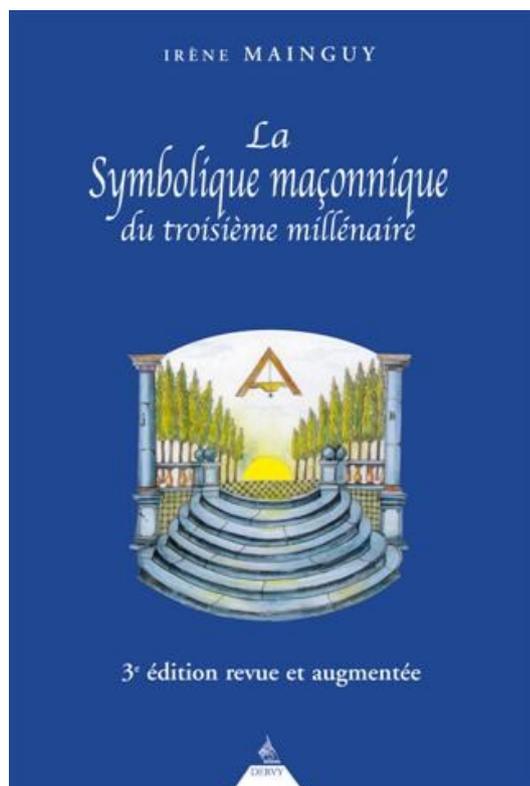
A UTOPIA DE HOJE É A REALIDADE DE AMANHÃ.



Livros



A Simbólica Maçónica do Terceiro Milénio - Câmara de Reflexão -



Desconhecida da maçonaria inglesa, a prova da terra, vivida no interior da Câmara de Reflexão, teria sido introduzida segundo André Doré, muito provavelmente entre 1765 e 1770. As lojas utilizaram-na entre 1776 e 1780. A recolha preciosa de *A Maçonaria Adonhiramita de Guillemain* de Saint Victor, de 1787, dá-nos uma descrição semelhante à que figurava nos rituais do grande oriente estabelecidos em 1786. O GODF havia tornado suas as inovações às quais dá um sentido exclusivamente moral, codificando-as no seu ritual de 1786, retomadas no *Regulateur du Maçon* de 1801, mas sem renunciar às suas características de intimidação.

No entanto, a câmara de reflexão parece ser um elemento antigo dos rituais de iniciação maçónica. Estes textos que mencionam uma sala obscura onde o recipiendário é instalado para meditar sobre a vigilância de um irmão armado com uma espada, não informam de nenhum detalhe sobre a sua preparação ou a sua decoração. Faze-se já alusão a uma sala negra em *Le Sceau Rompu ou La Loge Ouverte Aux Profannes Par Un Franc-Maçon*, em 1745. Esta divulgação refere-se a um precedente intitulado *Le Secret Des Franc-Maçons* (1742).

Assim, *Le Regulateur Du Maçon*, de 1801, texto de base do Rito Francês, descreve uma câmara de reflexões muito idêntica àquela em uso atualmente, com exceção da palavra V.I.T.R.I.O.L. e da presença da foice. Ela é descrita nestes termos: *cerca de meia hora antes da abertura dos trabalhos o Ir.: Preparador conduzirá o profano à câmara de reflexões. Esta câmara deve estar fechada aos raios do dia, e iluminada com uma única lâmpada: as suas paredes serão enegrecidas e carregadas de símbolos fúnebres, a fim de inspirar o recolhimento, a tristeza e o medo, frases de uma moral pura, máximas de uma filosofia austera serão traçadas de forma muito visível sobre as paredes, ou emolduradas e suspensas em diversos locais da sala; uma cabeça de um morto e mesmo um esqueleto se conseguir ser obtido, chamarão a atenção para o vazio das coisas humanas.*

Apenas deve haver nesta sala uma cadeira, uma mesa, um pão, um copo cheio de água clara, sal e enxofre em pequenos vasos, papel, penas e tinta. Por cima da mesa estarão representados um galo e uma ampulheta; por baixo destes emblemas estarão as palavras vigilância e perseverança.

O ritual do *Guide des Maçons Écossais*, texto de base do REAA, é muito mais lapidar sobre este assunto. Fala de uma câmara de reflexão que não descreve. Pelo contrário acentua a importância do testamento. Assim o venerável diz: *Ir.: Experto leva uma pena, tinta e papel e desloca-te para junto do profano. Diz-lhe que as provas que ele vai executar são muito perigosas e que é prudente que ele faça o seu testamento. São as únicas informações que aí são dadas.*

A câmara de reflexão submete o candidato a iniciação à sua primeira purificação ligada aos elementos: purificação pela terra. Segue-se logicamente uma purificação pelo ar, a água e o fogo, o que legitima a presença necessária da câmara de reflexão no R.:E.:A.:A.: e no Rito Francês e explica a razão pela qual se encontra ausente no R.:E.:R.: e no rito Inglês de estilo Emulação. A forma do ritual de iniciação apela então a um outro simbolismo que não o dos elementos.

Podemos notar que a prova da câmara da reflexão apenas figura nos rituais maçónicos de origem latina. René

Guenon pensa que poderá tratar-se de uma adição feita no século XIX sob influência dos maçons *ocultistas*. Sendo assim esta prova da câmara inscreve-se, logicamente, na preparação do recipiendário chamado a franquear o limiar da iniciação. Ele afirma:

“por um lado esta descida é como uma recapitulação dos estados que precedem logicamente o estágio humano, e que determinaram as condições particulares, e que devem assim para também participar na transformação que vai acontecer; de uma outra parte ela permite a manifestação, segundo certas modalidades, das possibilidades de ordem inferior que o ser contém ainda em si num estado não desenvolvido e que devem ser esgotadas por ele antes que lhes seja possível chegar à realização dos seus estados superiores.”

Clavel, na sua *Histoire de la Franc-Maçonnerie*, datada de 1841, fala de *emblemata funerários* e indica um pouco mais longe que a joia do Segundo Experto, ou Ir.: Terrível, representa uma foice e uma ampulheta. Podemos pensar, e isto precisa de ser aprofundado, que a câmara de reflexão é um vestígio das *danças macabras* da idade média. As danças macabras eram representadas nos cemitérios e ao pé das valas comuns colocadas junto às portas das igrejas. Era lá que se desenvolviam estas danças estranhas. Elas eram muito provavelmente destinadas, na sua origem, a lembrar a igualdade de todas as formas de condição humana e social diante da morte. A morte vinha buscar sucessivamente o papa o imperador, os cardeais, os bispos, os príncipes, os duques, etc., ou seja, os personagens de todas as condições sociais, de todas as idades e sexo, conduzindo-os nesta dança fúnebre. Estas representações recordavam o lado efêmero da vida e a igualdade de cada um diante da morte qualquer que fosse a importância da sua condição social. Encontramos o mesmo lembrete na



Dança Macabra. Pintura a óleo, Sec. XVII., Wellcome Library, Londres
Wellcome Images images@wellcome.ac.uk <http://wellcomeimages.org>.

disposição da câmara de reflexão.

Para um postulante o facto de estar isolado num local sombrio deriva de um rito iniciático muito antigo que encontramos na maior parte das iniciações de todos os tempos e em todos os lugares. O objetivo é o de isolar o recipiendário de toda a sua envolvente familiar, de o separar do mundo profano. Durante este isolamento

ele é confrontado com quatro factores ambientes: o silêncio, a solidão, a imobilidade e a obscuridade. Estes factores procuram favorecer o seu confronto consigo mesmo, dado que dele se encontra bruscamente num universo desconhecido, que ele pode perceber como hostil.

Antes de ser admitido na loja, o recipiendário é, portanto, fechado previamente num local de meditação fechado, pintado de negro chamado câmara de reflexão que antecipa e prefigura a morte física. Este local de meditação que coloca em cena tudo aquilo que diz respeito à morte, permite a cada um fazer uma incursão no seu túmulo antes da hora. É por isso que ele desce presumivelmente ao seio da terra; por vezes esta sala está situada na cave. A câmara





Alquimia—o segredo do azoth, in https://arcadeouro.blogspot.com/2014/09/alquimia-o-segredo-do-azoth-i_6.html

de reflexão simboliza uma descida interior ao centro da terra. A passagem de um ciclo a outro acontece na obscuridade, o que corresponde igualmente a uma mudança de estado. Pode também ser entendido como o retorno ao ventre materno. A colocação nesta condição explica-se pela necessidade de tomar consciência da força real das suas convicções nos seus compromissos vitais.

Em caso de dúvida, o profano é invadido por um destruidor sentimento de vacuidade, que prefigura o que ele poderá encontrar no dia da sua morte a câmara de reflexão convida o postulante a morrer em si mesmo para renascer e incita-o a prosseguir um percurso da sua existência, rectificando-o a fim de acordar a sua consciência para uma outra dimensão, para dar um outro sentido à sua vida.

Este momento privilegiado de meditação permite fazer um balanço do passado e efetuar por antecipação uma morte simbólica virtual, que, como toda a morte, será uma passagem que culminará num novo começo.



Câmara de reflexão—foto MJF, 2024

Para que se opere uma real recentragem com carácter iluminador convém aprender a meditar profundamente. Tendo isto em vista, o isolamento silencioso é imposto, uma vez que não podemos seguir o curso dos pensamentos se não evitarmos tudo o que dispersa e distrai. Fugir do tumulto do mundo profano, retirar-se para a solidão foi desde sempre o primeiro ato do aspirante à Sabedoria. No *Flambeau du Maçon* é referido que o recipiendário é introduzido numa câmara obscura.

Por que vos introduziram numa câmara obscura?

Para me dedicar às minhas reflexões e a todos os meus pensamentos, porque todo o homem que quer abraçar um estado deverá refletir sobre a sequência dos compromissos que deve contrair; em circunstâncias tais deve sondar sempre as dobras do seu coração em silêncio.

É na câmara de reflexão o único momento no caminho iniciático em que se permanece sozinho, confrontado consigo mesmo, isolado na penumbra, diante de enigmas a resolver e decisões a tomar. Nos antigos mistérios este primeiro gesto chamava-se *autópsia*, ou seja, um olhar sobre si mesmo. Toda a iniciação é uma prova de solidão.

Morrer é passar de um modo de existência a um outro. O grão morre enquanto tal, quando a sua casca se rompe e uma planta nasce da sua substância. Também o recipiendário deve morrer para as fraquezas profanas para que possa renascer para a via iniciática.

As trevas representam o estado das potencialidades não desenvolvidas. Pela iniciação, o ser passa das trevas à luz, tal como o fez o mundo no seu início.

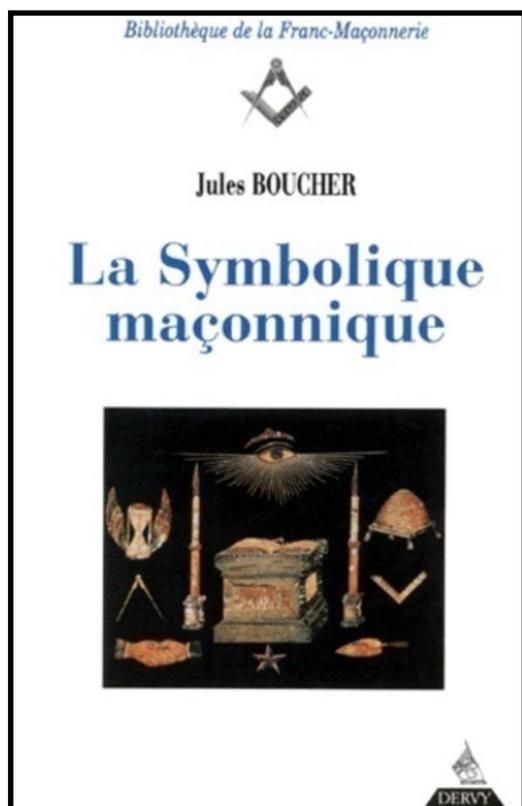
Irene Mainguy

In *“La Symbolique Maçonnique du Troisième Millénaire”*, Ed. Dérvy, Paris, 2001

(Trad. MJF :.)



A Simbólica Maçónica - A Câmara de Reflexão -



O profano, antes da sua iniciação, é introduzido na Câmara de Reflexão. Esta é uma espécie de reduto pintado interiormente em preto e na qual estão colocados: ossos, um crânio humano; uma pequena mesa, um banco e uma caixa com material de escrita; sobre a mesa um recipiente com água, uma taça com sal e uma outra contendo enxofre; nas paredes estão representadas frases tais como:

- se é curiosidade que te conduz aqui vai-te embora
- se a tua alma sentiu algum pavor não vás mais Longe;
- se perseverares serás purificado pelos elementos, sairás do abismo das trevas e verás a luz!

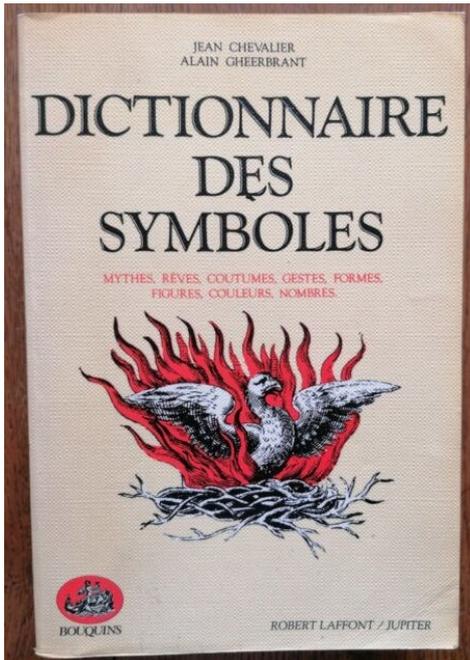
Desenhos simbólicos ornamentam as paredes: um Galo com uma bandeirola que tem as palavras Vigilância e Perseverança, uma foice, uma ampulheta, a palavra VITRIOL ou VITRIOLUM. A iluminação é fornecida por uma lanterna ou por uma tocha.

É nesta masmorra que o profano deve responder por escrito às questões que lhe são colocadas e que deve redigir o seu testamento.

In Jules Boucher, La symbolique maçonnique, Ed. Drevy, 1ª Ed. 1948, Paris

(Trad. MJF .:)





O Galo

O Galo é conhecido como emblema de orgulho - justifica o olhar do animal. [...] É universalmente um símbolo solar porque o seu canto anuncia o nascer do sol. E porque ele anuncia o aparecimento do Sol ele é eficaz contra as más influências da noite afastando-as das habitações se tivermos o cuidado de colocar a sua efigie sobre a porta. [...]

Segundo as tradições helénicas, o Deus cretense Velchanos, cujo símbolo é um Galo, é associado a Zeus. O Galo encontrava-se perto de Leto, grávida de Zeus, quando ela deu à luz Apolo e Ártemis. Também é consagrado por sua vez a Zeus, a Leto, a Apolo e a Ártemis, Ou seja aos deuses solares e às deusas lunares. Os versos de ouro de Pitágoras recomendam assim: *“ao Galo não o mates, uma vez que ele é consagrado ao sol e à lua”*. Símbolo de luz nascente ele é assim um atributo particular de Apolo o herói do dia que nasce.

Apesar do conselho atribuído a Pitágoras, um galo era ritualmente sacrificado a Asclépios, filho de Apolo e deus da medicina. Sócrates relembra a Críton, antes de morrer, de não se esquecer de sacrificar um Galo a Asclépios. Sem dúvida devemos ver nessa recomendação o papel de psicopompo atribuído ao Galo: é o enunciatador no outro mundo onde irá conduzir a alma do defunto; ele abrirá os olhos para uma nova luz o que equivaleria a um novo Nascimento. Ora o filho de Apolo era

precisamente este Deus que, pela sua medicina, havia operado ressurreições sobre a Terra prefigurando os renascimentos celestes. Este papel de psicopompo explica também que o Galo seja aí atribuído a Hermes (Mercúrio), um mensageiro que percorre os três níveis do cosmos, desde os Infernos ao Céu.

O Galo figura, conjuntamente com o cão e com o cavalo, entre os animais psicopompos sacrificados (em oferenda) aos mortos nos rituais funerários dos antigos povos germânicos.

O Galo é também um emblema do Cristo tal como a águia e o cordeiro. Mas ele tem em particular relevo o seu simbolismo solar, a luz e a ressurreição. [...]

No livro de Job, o Galo é o símbolo da inteligência proveniente de Deus: que colocou na íbis a sabedoria de Yahvé, dando ao Galo a inteligência. Como o Messias, ele anuncia o dia que se sucede à noite. Assim, ele figura no cimo dos pináculos das igrejas e nas Torres das catedrais. Esta posição no símbolo dos templos pode evocar a supremacia do lado espiritual na vida humana, a origem celeste da iluminação salvífica, a vigilância da alma atenta à percepção nas trevas que se dissipam no fim da noite primeira claridade do espírito que se eleva. O Galo do campanário terá surgido, segundo Durand, da saudação masdeísta do Sol ao Galo que anuncia o nascer do dia.

O Galo é também muitas vezes associado a serpente: é o caso notavelmente, para Hermes e para Asclépios.

Na análise dos Sonhos, a serpente e o Galo são ambos interpretados como símbolos do tempo; eles pertencem ao Deus curador Esculápio (Asclépios), que era, provavelmente, uma encarnação da vida interior e psíquica, uma vez que era ele que enviava os Sonhos. Eles marcam uma fase da evolução interior: a integração das forças ctónicas ao nível da vida pessoal, na qual o espírito e a matéria tendem a equilibrar-se numa unidade harmoniosa.

O Galo como símbolo maçónico é, por sua vez, o sinal da vigilância, esse sinal do surgimento da luz iniciática. Corresponde ao Mercúrio alquímico.

A alquimia, uma das grandes vias utilizadas, quer no ocidente, quer no oriente como processo que pretende a integração do Ser e o regresso à unidade perdida, em cuja tradição a Maçonaria também bebeu, tem na tríade, Sal, Enxofre e Mercúrio, os agentes e matérias primas do processo de transmutação.

Sal, Enxofre e Mercúrio

O Sal

Os diversos aspetos do simbolismo do sal resultam do facto de este ser extraído da água do mar por evaporação. É, segundo dizia Louis Claude de Saint-Martin, “*Um fogo resultante das águas, por um lado quinta-essência, por outro lado oposição*”. [...]

O grão de sal, adicionado à água na qual se dissolve, é um símbolo tântrico da reabsorção do *Eu* no *Self* universal. O sal é, por um lado, conservante dos alimentos e por outro lado destructor por corrosão. Assim, o seu símbolo aplica-se tanto à lei das transmutações físicas, como à lei das transmutações espirituais.

A representação de Cristo como “O Sal da Terra” (Mateus, 5, 13), deve-se certamente à sua força e sabor, mas também por se tratar de um protetor contra a corrupção. [...]

Como alimento essencial e fisiologicamente necessário na alimentação, o sal é evocado na liturgia batismal; ele é o símbolo do alimento espiritual. O consumo em comum do sal tem, por vezes, o valor de uma comunhão, de um laço de fraternidade. Partilha-se o sal, tal como se partilha o pão.

Mas o sal pode também ter um outro significado simbólico oposto à fertilidade. Neste sentido *a terra salgada* significa a terra árida, endurecida. Os romanos espalhavam sal sobre a Terra das cidades que tinham arrasado para tornar o solo estéril.

Entre os gregos, como entre os hebreus e os árabes, o sal é o símbolo da amizade, da hospitalidade. Homero afirma o seu carácter divino.

O Enxofre

O enxofre é o princípio ativo da alquimia aquele que agindo sobre o Mercúrio Inerte, o fecunda ou o mata. O enxofre corresponde ao fogo, tal como o Mercúrio corresponde à água. Ele é o princípio gerador masculino, cuja ação sobre o mercúrio produz os metais.

Ele manifesta a vontade celeste e a atividade do espírito. O enxofre vermelho do esoterismo muçulmano designa o homem universal que é também representado por uma fénix.

A ação do Enxofre sobre o Mercúrio mata-o e, transmutando-o, produz o cinábrio* que é uma droga que con-

* O Cinábrio, conhecido como “sangue de dragão” ou “elixir da juventude” é uma rocha que existe junto de fontes termais e que foi muito usado na antiguidade para usos cosmético (pela sua cor vermelha). Aquecido, liberta facilmente o mercúrio, razão pela qual este mineral é tóxico. O mercúrio é muito tóxico, sendo acu-

fere a imortalidade. A associação constante do enxofre com o fogo, coloca-o, por vezes, também em conexão com o simbolismo do inferno. [...]

Para os alquimistas, o enxofre era, nos corpos, aquilo que o Sol é no universo. O ouro, a luz, a cor amarela, Interpretadas no sentido infernal deste símbolo denotam o egoísmo orgulhoso que não procura a sabedoria senão em si, que procura tornar-se a sua própria divindade, o seu princípio e o seu fim. É este lado nefasto do simbolismo do Sol e da cor amarela que representa o enxofre satânico na tradição cristã. Sodoma foi consumida por uma chuva de enxofre e o castigo prometido aos pecadores no livro de Job utiliza a mesma imagem. [...] A chama amarela do fumo do enxofre é, de acordo com a Bíblia, esta anti-luz devolvida pelo orgulho de Lúcifer; A luz que se tornou trevas.

Toma, portanto, cuidado que a luz que está em TI. Não se transforme em trevas.

O Mercúrio

O Mercúrio é um símbolo alquímico universal. Correspondendo geralmente ao princípio passivo húmido, yin. O regresso ao Mercúrio e alquimicamente à solução, a regressão ao estado indiferenciado. [...]

O planeta mais próximo do Sol, Mercúrio, é o planeta mais rápido, em incessantes cabriolas. Mercúrio. O Deus da mitologia, Mercúrio (Hermes), de asas nos pés e diligente, desempenhava o ofício de mensageiro do Olimpo. O mesmo é dizer que Mercúrio é essencialmente um princípio de ligação, de trocas, de movimento e de adaptação. [...] Se lhe juntarmos o seu atributo, o caduceu, pois sabemos que, no seu simbolismo existe a natureza dualista, na qual se conjugam os princípios contrários e complementares: Trevas-Luz; Baixo-Alto; Esquerda-Direita; Feminino-Masculino. Esta circulação interna constitui a condição inicial de desenvolvimento da inteligência. Separar as coisas para que não se confundam e tomar distância de si mesmo, em cada um de nós.

O processo mercurial é o auxiliar do Eu, encarregado de nos separar das seduções do Subjetivo. Face à dupla pressão das pulsões interiores e das solicitações exteriores, é o melhor agente de adaptação à vida.

In Chevalier, J. et Gheerbrant, A., *Dictionnaire des Symboles*, Ed. Robert Laffont, Paris, 1982

(Trad. MJF.:)



Iniciação

INICIAÇÃO

Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.
.....
O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.
Vem a noite, que é a morte
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.
Mas na Estalagem do Assombro
Tiram-te os Anjos a capa.
Segues sem capa no ombro,
Com o pouco que te tapa.
Então Arcanjos da Estrada
Despem-te e deixam-te nu.

Não tens vestes, não tens nada:
Tens só teu corpo, que és tu.
Por fim, na funda caverna,
Os Deuses despem-te mais.
Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vês que são teus iguais.
(...)
A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não estás morto, entre ciprestes.
(...)
Neófito, não há morte.

Fernando Pessoa



Preceito Maçónico

A verdadeira Cadeia de União jamais se rompe.



